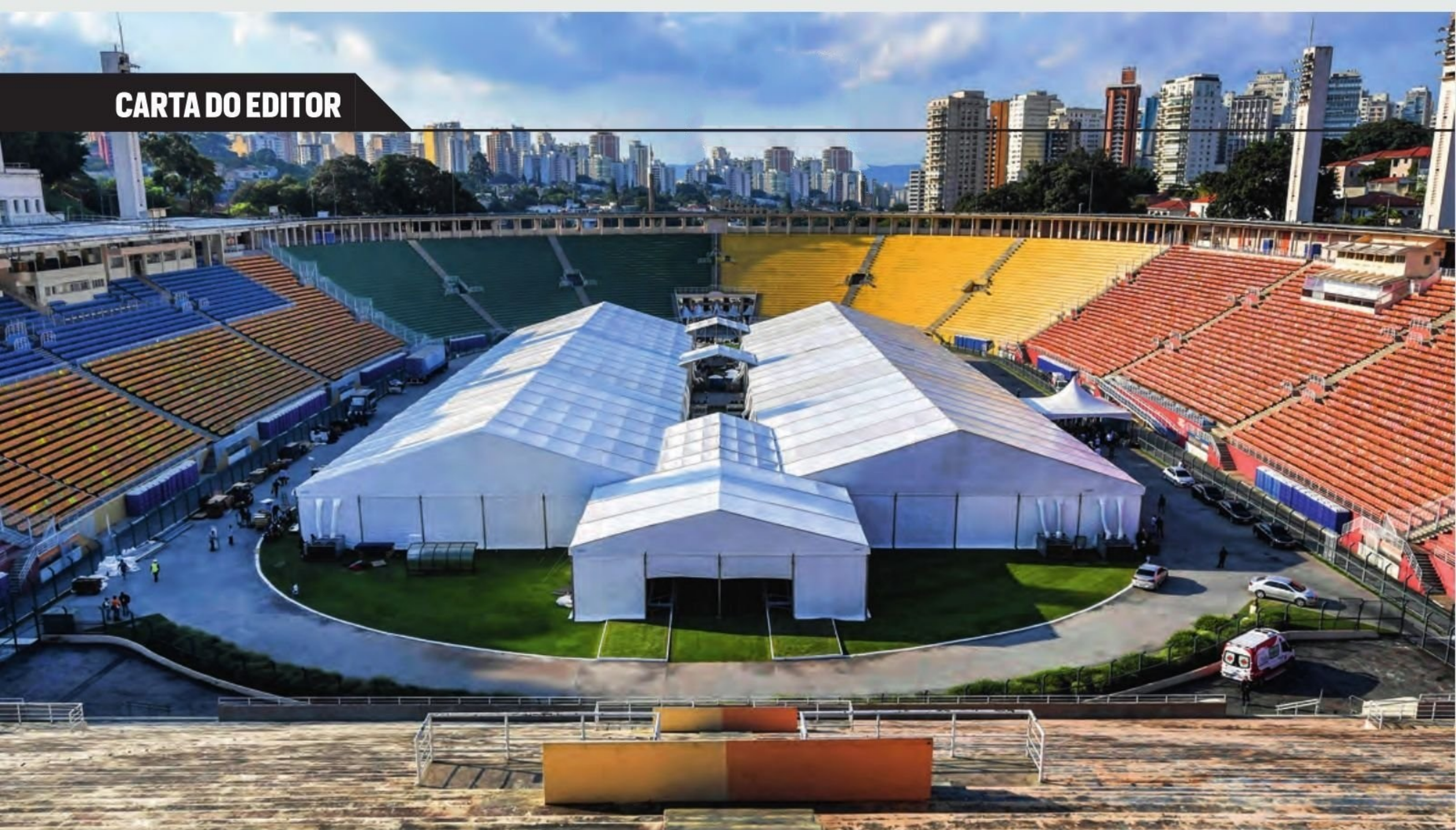
PLACAR

Abril
7 893614 111827
ED. 1462 ABRIL 2020 R$ 19,90

A VIDA SEM FUTEBOL

Arquibancadas do Anfield Stadium, do Liverpool, no início de março

A MORAL, AS OBRIGAÇÕES E O ESPORTE

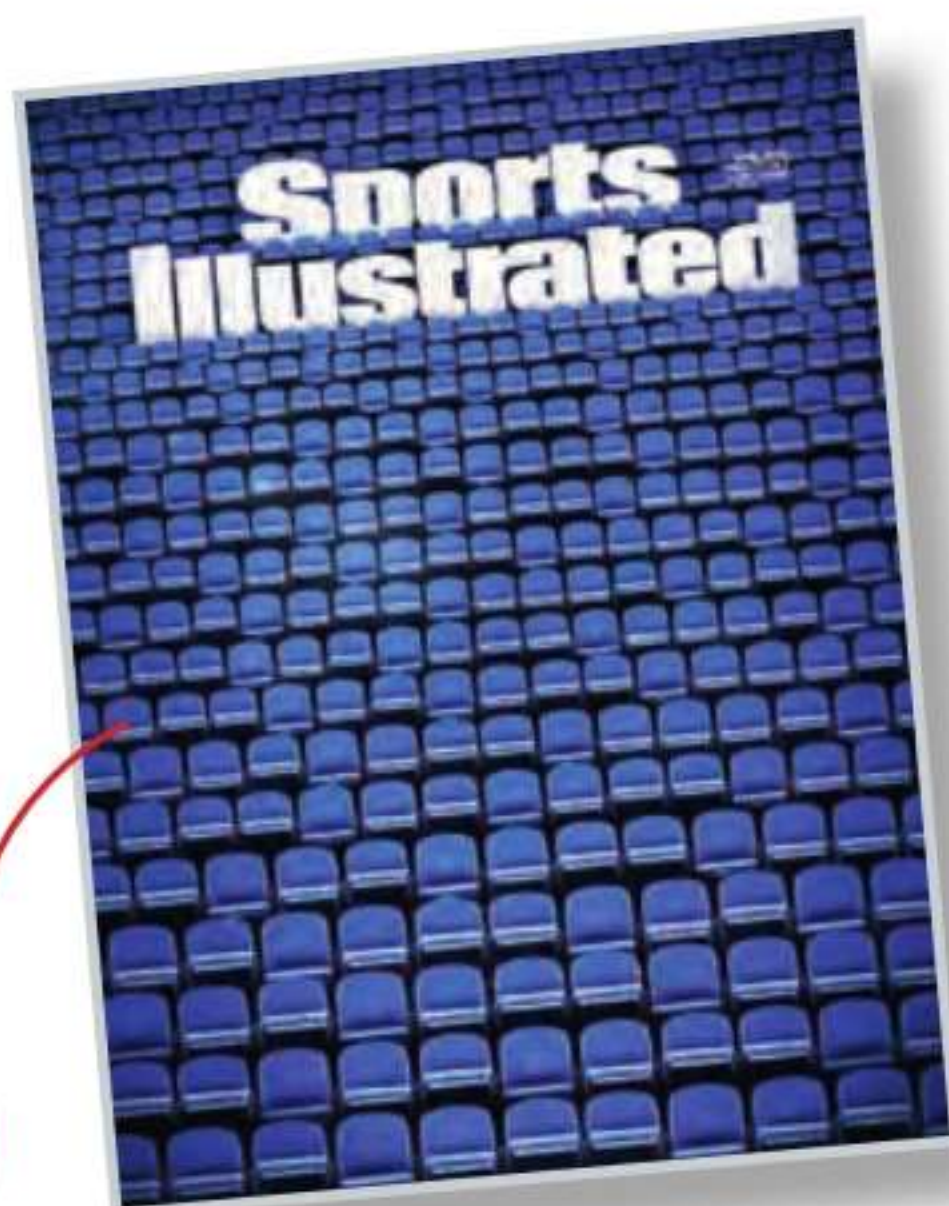
O escritor francês de origem argelina Albert Camus (1913-1960), personagem do texto de abertura da seção Prorrogação desta edição de PLACAR, bom goleiro na infância e no início da adolescência, instado a tratar de sua magistral obra, disse o seguinte: "Tudo o que sei sobre a moral e as obrigações do homem eu devo ao futebol". É o caso, agora que o mundo vive sobressaltado pela Covid-19, como se não houvesse amanhã nem ontem, de repisar à exaustão a frase de Camus. A interrupção de todos os grandes torneios do mundo, freio imposto pelo distanciamento social, ao esvaziar gramados e arquibancadas, é um aceno aos cuidados com a saúde, um atalho para o bom senso e a humanidade. Domingo sim, domingo não, virou mau hábito dizer que a bola não poderia parar, nunca, mesmo durante as mais profundas crises. Pode sim. Haverá perdas financeiras, haverá evidente sobreposição de partidas depois que o vendaval baixar, haverá muita grita — mas, quem sabe, ao fim de tudo, os cartolas, os brasileiros especialmente, acordem para a reorganização do calendário, menos mesquinho, menos ganancioso, mais moderno, mais civilizado, enfim. Talvez seja apenas um sonho de atuais noites em claro, mas por que não sonhar?

Por enquanto, o que há, no aqui e agora da bola, neste tempo parado no ar, são imagens comoventes e históricas como a do gramado do Estádio do Pacaembu, em São Paulo, que virou hospital de campanha, numa parceria entre a prefeitura e o Hospital Albert Einstein, para abrigar os casos mais leves de Covid-19 e assim liberar os leitos de instituições hospitalares municipais. É cena que remete à epidemia de Gripe Espanhola de 1918, que teria provocado a morte de 50 milhões de pessoas em todo o mundo e ao menos 35 000 no Brasil. Naquele período amargo de 100 anos atrás, os campos de esporte também se tornaram centros de abrigo de doentes. O Campeonato Paulista foi interrompido e só terminaria no ano seguinte, vencido pelo Paulistano de Arthur Friedenreich. No Rio de Janeiro, transformado em "um vasto hospital", na chamada do diário *Gazeta de Notícias,* o título ficou com o Fluminense do atacante Archibald French, que morreria antes da final, vitima-

O Pacaembu, no fim de março: transformado em hospital de campanha

NELSON ALMEIDA/AFP

do pela epidemia. São capítulos heroicos que, infelizmente, retornam como alerta.

A redação de PLACAR pretende, nas próximas semanas, nos próximos meses, até quando for necessário, na edição impressa e nas redes sociais, estar atenta aos desdobramentos da pandemia de coronavírus — colada a seus efeitos no cotidiano do futebol, mas não somente a ele, porque, como afirmou Camus, celebram-se os gols apenas como metáfora da moral e das obrigações do ser humano.

PLACAR acompanha de perto o trabalho das revistas de esporte de todo o mundo, especialmente agora que a pandemia interrompeu os campeonatos. A capa desta edição é inspirada no silêncio aterrador das arquibancadas vazias de uma partida da NBA que aparecem na publicação americana *Sports Illustrated*

 revistaplacar

 @placar

 @RevistaPlacar

 veja.abril.com.br/placar

 placar@abril.com.br

REUTERS

Ronaldinho Gaúcho; o gênio que se perdeu de carona com o irmão

ESPECIAL

PRORROGAÇÃO

CAPA: JON SUPER/AP

VICTOR CIVITA (1907-1990) **ROBERTO CIVITA (1936-2013)**

Publisher: Fábio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

PLACAR

Redator-Chefe: Fábio Altman
Editor: Alexandre Salvador **Editor Assistente:** Luiz Felipe Castro **Repórter:** Alexandre Senechal **Checadoras:** Andressa Tobita, Luana Lourenço Alves Pinto, Thais Anes Revelles **Editor de Arte:** Daniel Marucci, Marcos Vinicius Candido Rodrigues **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Marcelo Minemoto, Ricardo Ferrari, Ricardo Horvat Leite **Infografistas:** Anderson Marçal Leandro, Wander Moreira Mendes **Fotografia: Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadoras:** Ana Paula Galisteu, Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Ana Elisa Camasmie, Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisores:** Eduardo Perácio, Elvira Gago, Rosana Tanus, Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Preparadores Digitais:** Adriana Gironda, Luiz Henrique Silva de Azevedo

Colaboraram nesta edição: Alexandre Battibugli (fotografia), Cadão Volpato, Danilo Monteiro, Gabriel Grossi, Silvio Nascimento, Syanne Neno (texto), Pedro Nuim (arte)

www.placar.com.br

PUBLICIDADE E PROJETOS ESPECIAIS Marcos Garcia Leal (Diretor de Publicidade), Daniela Serafim (Financeiro, Mobilidade, Tecnologia, Telecom, Saúde e Serviços), Renato Mascarenhas (Alimentos, Bebidas, Beleza, Higiene, Moda, Imobiliário, Decoração, Turismo, Varejo, Educação, Mídia & Entretenimento) DIRETORIA DE MERCADO Carlos Nogueira BRANDED CONTENT, CRIAÇÃO, MARKETING MARCAS, EVENTOS E VÍDEO Andrea Abelleira PRODUTOS E PLATAFORMAS Guilherme Valente DEDOC E ABRILPRESS Alessandra Collado

Redação e Correspondência: Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP, tel.: (11) 3037-2000. Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publiabril.com.br

PLACAR 1 462 (789 3614 11176 6), ano 50, é uma publicação mensal da Editora Abril. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112
Demais localidades: 0800-7752112
www.abrilsac.com.br
Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2145
Demais localidades: 0800-7752145
www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA ESDEVA INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Brasil, 1405, Poço Rico, CEP: 36020-110, Juiz de Fora – MG

www.grupoabril.com.br

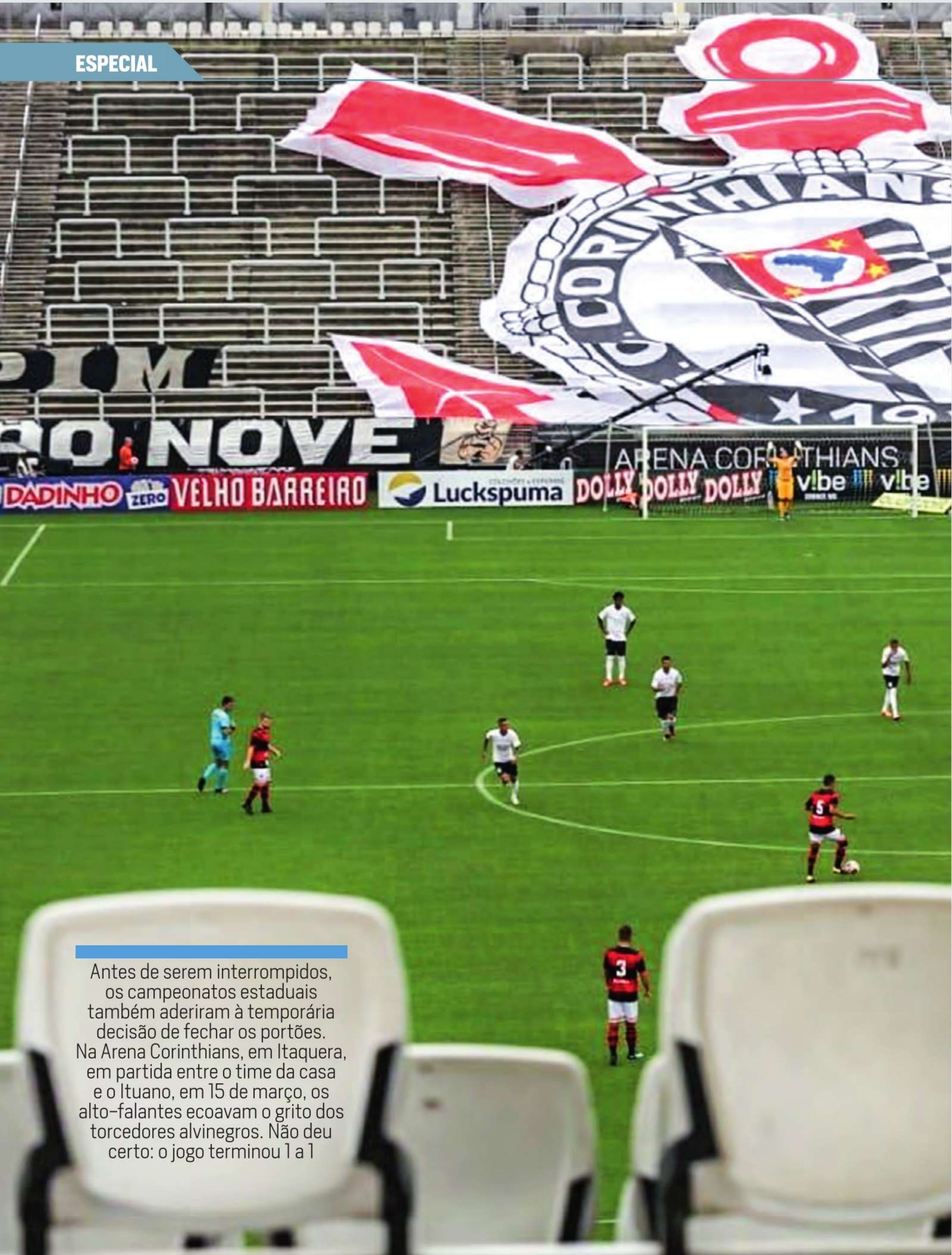
O FUTEBOL EM TEMPO

UEFA POOL/REUTERS

DE PANDEMIA

Como tudo no mundo, a bola também parou. O desafio, agora, é respeitar as determinações das autoridades sanitárias e colar os cacos para o futuro

Alexandre Senechal e Luiz Felipe Castro

No Parque dos Príncipes vazio, sem torcedores, PSG e Borussia Dortmund fizeram o jogo de volta das oitavas na Liga dos Campeões, em 11 de março. O time francês venceu por 2 a 0 e seguiu em frente — não se sabe, contudo, quando o torneio retomará o curso normal, e em que condições

Antes de serem interrompidos, os campeonatos estaduais também aderiram à temporária decisão de fechar os portões. Na Arena Corinthians, em Itaquera, em partida entre o time da casa e o Ituano, em 15 de março, os alto-falantes ecoavam o grito dos torcedores alvinegros. Não deu certo: o jogo terminou 1 a 1

RODRIGO COCA/AG.CORINTHIANS

A epidemia ainda parecia restrita à China nos primeiros dias de março, e os torcedores japoneses já iam aos estádios da Japan League protegidos

KYODO

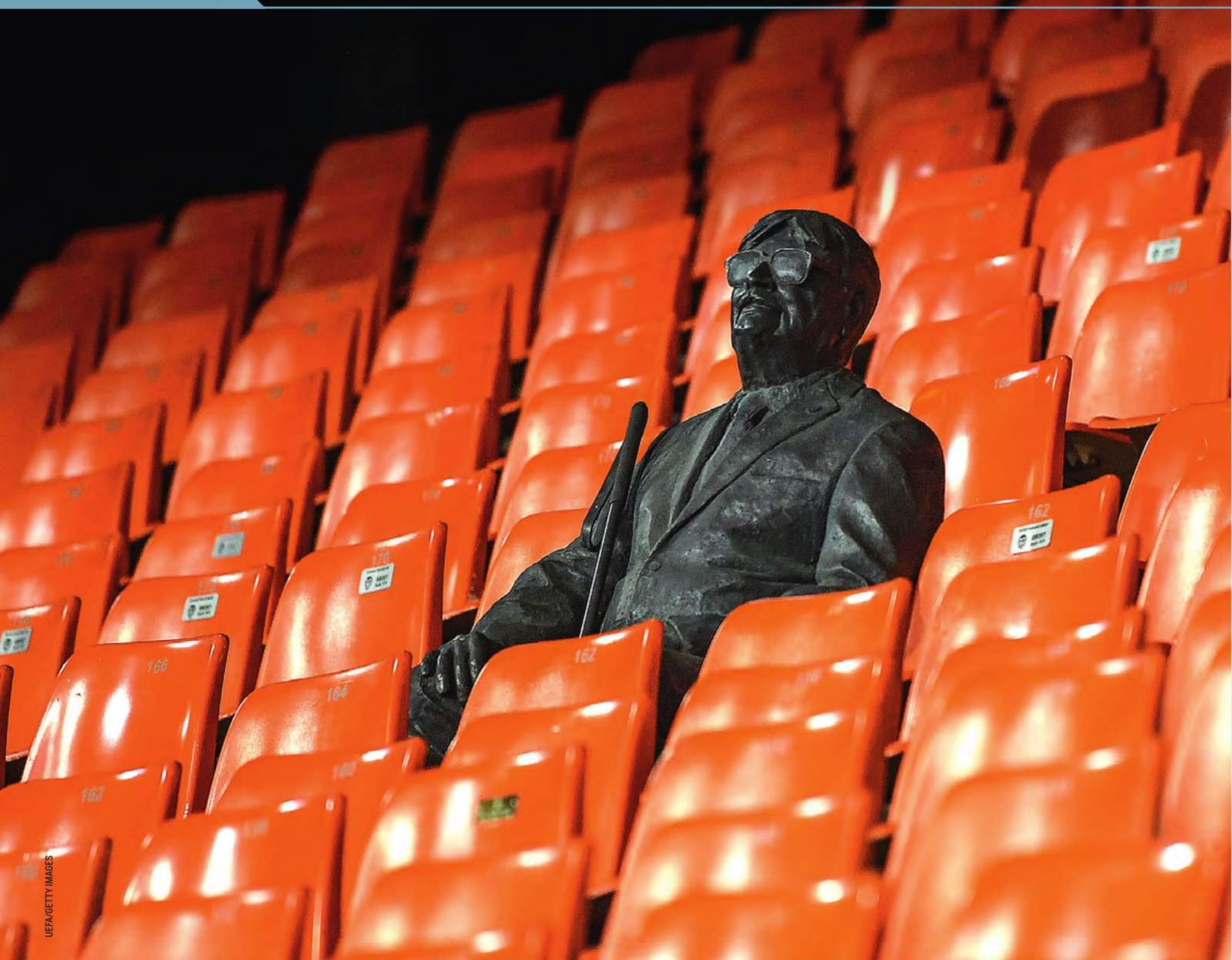
CIRO DE LUCA/REUTERS

O duelo entre o Nápoli e a Inter, em Nápoles, pela Copa da Itália, que seria disputado em 5 de março, foi adiado. Ainda assim, funcionários do clube sulista desinfetaram as cadeiras

Insidioso, sorrateiro como um atacante que se desloca e engana os marcadores, o Sars-CoV-2, o vírus que provoca a Covid-19, invadiu as arquibancadas e os gramados — para sublinhar, como se fosse preciso, a disseminação acelerada de um microrganismo que provocou a maior crise global desde a II Guerra e que arrastou, evidentemente, também o mundo do futebol. Quando os primeiros casos começaram a aparecer na Europa, depois do surto chinês, houve alguma tentativa de adiar o que parecia imperativo: impedir a presença de torcedores nos estádios, em um primeiro momento e, depois, interromper os campeonatos.

O primeiríssimo alerta foi dado na Itália, bem no início de março, com o adiamento do clássico Juventus e Inter de Milão, que seria finalmente realizado de portões fechados. Depois, veio a avalanche necessária, colada à imposição de reclusão doméstica. No Japão, torcedores lotavam os assentos ostentando as onipresentes máscaras cirúrgicas. Em 9 de março, a federação italiana suspendeu todas as competições. A Uefa, em seguida, decidiu realizar partidas sem público — como o jogo das oitavas entre PSG e Borussia Dortmund, em Paris. E talvez pela primeira vez em muito tempo, em reação inesperada diante da crise que afastou os fãs, Neymar não tenha si-

UEFA/GETTY IMAGES

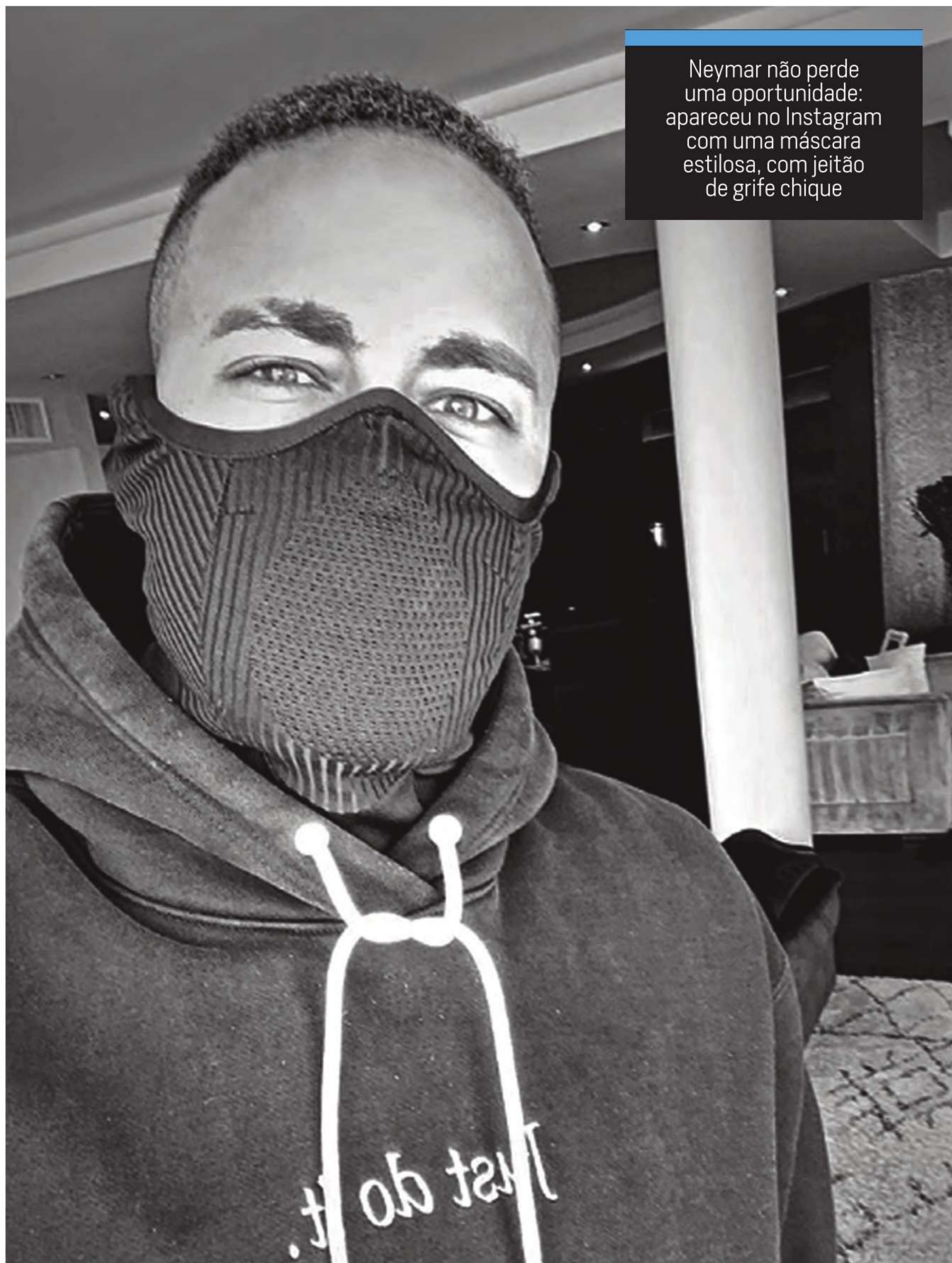
A figura de bronze, homenagem a um histórico torcedor do Valencia, foi a única presença no jogo entre o time espanhol e o Atalanta, na cidade espanhola, no já longínquo 10 de março

do cobrado pelos torcedores mais radicais (o PSG venceu por 2 a 0, passando de fase). Dois dias depois, a Liga dos Campeões foi suspensa por tempo indeterminado, postura seguida em todo o mundo, inclusive no Brasil, com os torneios estaduais — com o reforço, bonito e comovente, de jogadores como os do Vasco, Grêmio e Cruzeiro, que subiram a escada do vestiário de máscaras. O Brasileirão não tem data para começar (nos bastidores da CBF fala-se em setembro, em esquema de mata-mata), e os regionais, para terminar. A bola parou — à exceção de países chefiados por lunáticos, como a Bielorrússia e a Nicarágua, em evidente afronta à saúde.

Como sempre, o olhar retroativo para a gênese da pandemia começa a criar narrativas — onde, como? Por que não reagimos antes, por que não impusemos a quarentena precocemente? Na Itália, a grita foi imensa. As autoridades sanitárias de Bérgamo, uma das cidades mais atingidas pela Covid-19, aponta o duelo entre Atalanta e Valencia, no longínquo 19 de fevereiro, quando o mundo era outro, como um dos principais causadores da disseminação do novo coronavírus na Itália. As equipes se enfrentaram em Milão, diante de 44 000 torcedores, em sua maioria vindos da cidade ao norte de Milão, sede do Atalanta. O prefeito de Bérgamo, Giorgio Gori, não tem dúvida alguma do

que houve, ou pode ter havido. “Atalanta e Valencia foi uma bomba biológica”, diz ele.

E agora, o que imaginar para o futuro? É difícil saber, devido à velocidade da disseminação do vírus e o respeito, maior ou menor, ao controle epidemiológico. Seria irresponsabilidade arriscar prognósticos, mas estima-se que antes de junho ou julho nada voltará à normalidade, e acompanharemos pela televisão a reprise (que bom!) de grandes jogos do passado, de clubes e seleções. De imediato, em busca de ar respirável, há o grito de socorro, e ele desponta de todas as direções. No início de abril, a Fifa se organizava para montar um fundo de ajuda emergencial de “centenas de milhões de dólares”, segundo reportagem do *The New York Times*. A quantia seria separada do caixa da entidade, que, de acordo com o mais recente relatório anual, é de 2,74 bilhões de dólares, o equivalente a cerca de 14 bilhões de reais. Se aprovado pelos líderes mundiais de futebol, o fundo de emergência representaria a maior resposta de um órgão esportivo ao impacto financeiro da Covid-19.

“Atalanta e Valencia foi uma bomba biológica”, disse o prefeito de Bérgamo, Giorgio Gori, cidade que abriga a equipe atalantina. O jogo, em Milão, em 19 de fevereiro, teria ajudado a disseminar o vírus

No Brasil, a CBF anunciou auxílio para árbitros e assistentes, evidentemente impedidos de trabalhar, antecipando taxas de arbitragem de cerca de 900 000 reais. De acordo com Salmo Valentim, presidente da Associação Nacional de Árbitros de Futebol (Anaf), os juízes com a insígnia

Neymar não perde uma oportunidade: apareceu no Instagram com uma máscara estilosa, com jeitão de grife chique

RICHARD DUCKER/AFP

da Fifa receberão, já, 6 000 reais. Os árbitros que apitam a Série A e a Série B do Campeonato Brasileiro ganharão 3 000 reais. Em meio às incertezas, os vinte clubes da Série C, que não recebem cotas de TV e sofrem com a fuga de patrocinadores, se organizaram para pedir amparo. Em reuniões feitas por videoconferência, calcularam em 250 000 reais as suas necessidades mensais e cobraram ajuda da CBF.

Nada será fácil. Mal chegamos aos noventa minutos e haverá prorrogação, triste prorrogação. O único modo de reduzi-la é seguir à risca os conselhos de médicos: fique em casa. Ponto. Nunca na história moderna deu-se estrago tão grande — durante as duas grandes guerras, Olimpíadas e Copas foram canceladas, mas, de algum modo, a vida seguia razoavelmente tranquila em países distantes do conflito. Com a pandemia de Covid-19 é diferente, e será preciso reaprender a andar, globalmente, e só depois correr atrás de uma bola. O futebol, a rigor, talvez tenha demorado um pouquinho para parar — e, do ponto de vista didático, atrelado a sua popularidade, é bom que não seja a primeira atividade a voltar. Como disse o ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, citando um dos clássicos sambas de Paulinho da Viola: “Faça como o velho marinheiro, que durante o nevoeiro leva o barco devagar”.

Como sinal de que as coisas não iam nada bem, e que era preciso interromper os torneios, os jogadores do Grêmio entraram em campo, no dia 15 de março, em protesto, ostentando cuidados especiais

INSTAGRAM @ALEXCFC10

A estátua mascarada de Alex na Turquia: carinho pelo ídolo

“QUANTOS CLUBES DO BRASIL PAGAM EM DIA?”

O ídolo do Coritiba, Palmeiras, Cruzeiro e Fenerbahçe, da Turquia, cuja voz é uma das mais sensatas do futebol brasileiro, conversou com PLACAR sobre sua permanente briga pelos direitos dos jogadores

Luiz Felipe Castro

O ex-jogador Alexsandro de Souza, de 42 anos, é apenas mais um entre os 2 bilhões de pessoas confinadas que se protegem contra o coronavírus. Ao lado dos filhos Maria Eduarda, Antônia e Felipe, e da mulher, Daiane, o ídolo das torcidas do Coritiba, Palmeiras, Cruzeiro e do Fenerbahçe, da Turquia, cumpre a quarentena em sua casa, em Curitiba. A quase 11 000 quilômetros de distância, em Istambul, uma estátua de bronze erguida em sua homenagem ganhou adereços temporários, afeitos aos dias de hoje: máscara e luvas cirúrgicas. Alex, que foi membro do extinto Bom Senso F.C. e agora, a distância, se mantém ativo nos debates do Sindicato dos Atletas de Futebol do Município de São Paulo (SIAFMSP), luta por melhorias para a categoria na qual atuou por dezenove anos. Para ele, os clubes, que hoje pedem aos atletas compreensão com a possibilidade de redução de salários em virtude da escassez de receitas, não estão em posição moral de exigir nada. Nesta entrevista, feita por telefone, o ex-meia falou sobre temas espinhosos do futebol.

Como recebeu a notícia de que os torcedores do Fenerbahçe “protegeram” sua estátua contra o coronavírus? Um amigo me mandou a foto dizendo: “Olha, capitão, estamos cuidando de você”. Os turcos me surpreendem cada dia mais. Saí de Istambul há sete anos, não havia necessidade nenhuma de eles fazerem isso, mas é um gesto de carinho com um simbolismo muito grande neste momento que vivemos.

> **“Como um clube que deve férias, 13º, dezembro, janeiro etc. vem falar em acordo? A primeira coisa é acertar o que está pendente”**

Você abriria mão de seu salário durante a paralisação em razão da pandemia? Mas estamos falando de qual salário, o de agora ou dos que ficaram para trás? Quantos clubes do Brasil pagam em dia? Eu abriria mão do meu salário neste período na boa, contanto que meu clube cumprisse as demais obrigações. Como um clube que deve férias, 13º, dezembro, janeiro etc. vem falar em acordo? A primeira coisa é acertar o que está pendente. A partir daí, acho que é consenso que agora é um momento de empatia e de ajuda mútua. Para Flamengo, Palmeiras, por exemplo, é simples. Mas e Cruzeiro, Fluminense, Vasco? Acho difícil colocar todos no mesmo bolo.

Você foi membro do Bom Senso F.C., movimento que acabou perdendo força. O coronavírus é mais uma boa oportunidade para os jogadores voltarem a se posicionar? Hoje estou menos envolvido, mas sigo acompanhando meus colegas a distância. Veja, o Bom Senso teve respostas maravilhosas e outras decepcionantes, mas o objetivo foi atingido, porque a discussão chegou até a presidente na época, a Dilma Rousseff. Conversamos com senadores e deputados, com quem efetivamente dita as regras. E ali vimos como o jogo funciona. Tem dirigentes de clubes que são políticos, outros que têm relações fortes com a CBF, com federações, com a detentora dos direitos de TV. O papel foi desempenhado. Acabou sem resolver o problema? É verdade, mas

isso aconteceu porque não tínhamos como executar nossas ideias.

O jogador de futebol é alienado? Ele é um cidadão como outro qualquer. No Brasil, há essa percepção de que jogador ganha muito e, por isso, pode ficar sem receber salário. Mas 98% dos jogadores profissionais ganham muito pouco, isso quando recebem. Há bastante jogador alienado, mas nem todos são. Existem opiniões no futebol, mas talvez elas não ganhem o eco necessário.

Como assim? Não concordo com a generalização. A contestação tem de vir de quem tem força, e muitas vezes um atleta jovem não tem esse poder. Quando falamos de jogador de futebol, pensamos em um Daniel Alves *(que contestou a postura do presidente Bolsonaro em ser contrário ao isolamento social por causa da Covid-19)*, mas ele representa a minoria da minoria.

FOTOS ALEXANDRE BATTIBUGLI, THOMAS NIEDERMUELLER/GETTY IMAGES

Campeão da América pelo Palmeiras

Idolatria sem igual na Turquia

As críticas sempre acompanharam sua carreira. Você as usava como motivação? Muito. Sempre tive autocrítica, mas fui percebendo que muitos formadores de opinião não falavam do jogo. Reproduziam algum preconceito que já tinham. Cheguei ao Palmeiras como a pecha de que participava pouco em campo. Não era verdade. Havia jogadores como Zinho, Ricardinho, que, por característica, vinham "carimbar" a bola, como chamamos o ato de voltar e trocar passes com defensores. Eu não, eu era um 10 e queria estar mais perto do gol. Briguei muito com o Felipão por isso. Ele queria que eu participasse mais atrás. Eu pensava: "Não vou atrás nem f... Se quiser que eu vá marcar, então coloque um volante". Uma vez tomei uma dura do Aldair, que nunca esqueci.

Como foi? Foi num Brasil e Uruguai no Maracanã. Bem marcado, eu não conseguia jogar. Logo veio na minha cabeça aquilo que diziam a meu respeito: que eu não me apresentava para o jogo, que dormia, a história de sempre. Decidi, então, ir lá atrás buscar uma bola. O Aldair não passou, deu um lançamento longo e me segurou pelo braço pra dizer: "Escuta aqui, para carimbar bola no pé do zagueiro, eu posso trazer o Zico com 60 anos que ele faz. Eu preciso de você lá na frente". Depois de escutar isso de um ídolo meu, decidi que nunca mais voltaria para trás do meio-campo. Mas, ao fazer isso, comprei uma briga com meus treinadores, com a imprensa. Era preciso saber ler o jogo para entender minha postura. Jogava no contrafluxo da bola. Se ela estava na direita, eu ia para a esquerda abrir espaço e receber livre. Quem não estava no estádio não via isso.

"Jogava no contrafluxo da bola. Se ela estava na direita, eu ia para a esquerda abrir espaço e receber livre"

Mas, depois de aposentado, a avaliação é bem mais positiva, não? Sim, sim. Sempre brinco que, depois que para de jogar, quem foi bom vira craque, quem foi craque vira gênio e quem foi gênio

Em 2003, Tríplice Coroa no Cruzeiro

Começo e fim da carreira no Coxa

O craque e sua mulher, Daiane

FOTOS EUGÊNIO SÁVIO, RODOLFO BUHRER/LA IMAGEM, ALEXANDRE BATTIBUGLI

vira interestelar. O torcedor só sente saudade daquilo que ele não tem mais. Aí ele passa a dar valor.

Alex, tem muito jogador que "rouba" clube? Claro, tem um monte de jogador que passa a vida inteira sem assumir a responsabilidade. Esse cara pode até encerrar a carreira rico, mas não tem reconhecimento e respeito de ninguém. É o cara que nunca perdeu um pênalti, nunca brigou com treinador por algo que era melhor para o time. Antes, o tesão era jogar, não importava onde. Hoje o cara quer contrato bom. Mas profissionais assim existem em todas as profissões.

Qual foi a importância do dinheiro na sua carreira? Nunca foi prioridade. Troquei o Coritiba pelo Palmeiras para ganhar a metade, por exemplo. Sempre participei da elaboração dos meus contratos. Não das conversas com dirigentes em si, porque isso causa muito desgaste. Mas sempre soube de tudo. A única vez que o dinheiro pesou foi na minha ida para a Turquia. Já tinha 27 para 28 anos e uma experiência ruim na Itália. Tudo o que pedi, os caras me deram. Nem sequer argumentaram. Minhas discussões eram sempre em relação ao contrato. Depois de assinado, não falava mais nada. Nunca pedi aumento.

"Minhas discussões eram sempre em relação ao contrato. Depois de assinado, não falava mais"

Em um universo com tantas tentações, ser casado desde cedo foi uma vantagem? É um conceito individual. Conheci jogadores que adoravam ficar em casa e outros que não podiam ver o sereno. O atleta é um ser humano normal, com os mesmos desejos de todo mundo. É claro que está mais exposto e depende da sua condição física, mas ele também quer fazer um churrasco, quer ir para a noite, conhecer mulheres. Ou pode preferir ficar em casa, ler um livro, formar uma família. Isso é do indivíduo, não da profissão. Dizem que jogador gosta de orgia. Alguns podem gostar, mas médicos, advogados, garis e cozinheiros também. Por exemplo, teve o caso recente do assassinato do jogador Daniel aqui no Paraná. Foi um escândalo. E muita gente põe na conta do futebol, mas não tem nada a ver. É um caso policial, que acontece o tempo todo com pessoas de diversas áreas.

Você teve "parças", como os atuais craques? Não. Saí de Curitiba muito cedo. Tinha meus amigos do bairro, do clube, essas eram as minhas relações, mas isso mudou depois que fui para o Palmeiras sozinho. Na Turquia, eu era um pop star, mas acabava ficando mais em casa. Nunca quis utilizar seguranças, então acabava me preservando mais.

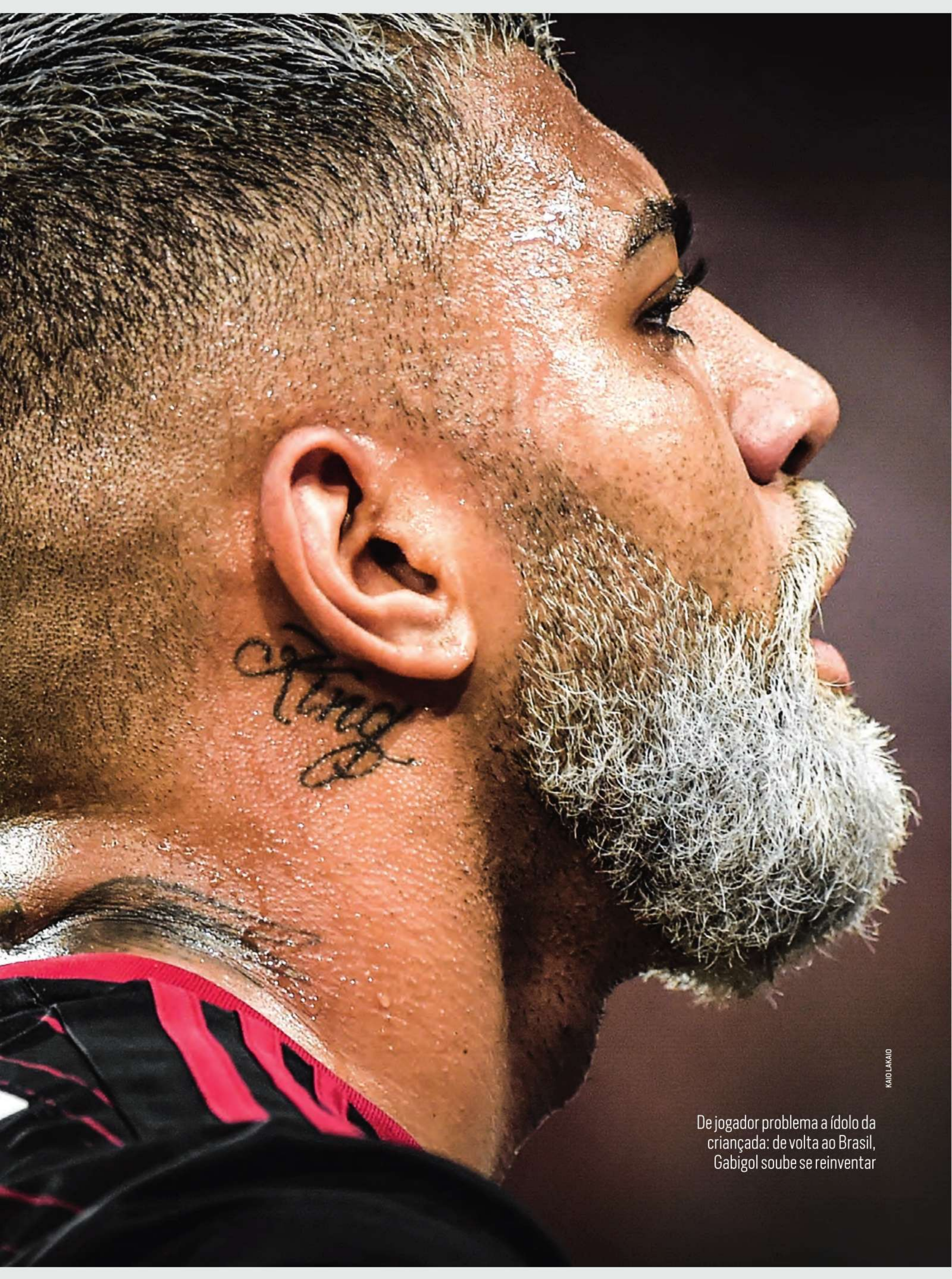
Em que pé estão seus planos de virar treinador? O plano é terminar a licença da CBF, que estava marcada para maio, agora não sei como vai ficar. A ideia é estar em algum clube no início de 2021. Eu me imagino treinando um sub-20 ou sendo auxiliar de algum clube. Não passa pela minha cabeça já começar treinando um time da Série A.

UM CRAQUE DE CARA NOVA

Como foi a reconstrução de Gabigol, que deixou a Inter de Milão e a Europa pela porta dos fundos e hoje é admirado até por quem não torce pelo Flamengo

Alexandre Senechal

Quem vê o corpo coberto por tatuagens, a cara de marrento e a já clássica pose com os braços flexionados não imagina que Gabriel Barbosa tem pontos fracos. Para as crianças, esse paulista de 23 anos carrega a aura de um super-herói. A começar por seu nome de guerra: Gabigol. Tanto que um simples aceno do craque já é motivo para a realização de torcedores do Flamengo (e de outras equipes, diga-se). Um episódio recente cristalizou essa imagem: a estreia do atual campeão na Libertadores deste ano, no início do mês passado, contra o Junior Barranquilla, da Colômbia. Antes mesmo de a bola rolar, o camisa 9 rubro-negro presenteou um jovem torcedor rival com seu uniforme de aquecimento. Com o rosto coberto de lágrimas, a criança não conseguia disfarçar a felicidade e vestiu o presente sobre a camisa do Junior. Parece que o pequeno não se importou com o fato de seu time ter sido batido naquela noite por 2 a 1, e talvez nem tenha reparado que o atacante passou em branco na partida (a única, aliás, em que Gabriel não marcou neste 2020, entre parênteses — soma onze gols em dez jogos). Depois do apito final, outro colombiano, Kevin Junior Otero, de 13 anos, invadiu o gramado com um só objetivo: estar perto do brasileiro. Saiu de lá com muito mais do que apenas um abraço. Ganhou de Gabigol também sua camisa da partida e o par de chuteiras vermelhas número 41. "Ele falava comigo em português, então não consegui entender bem. Mas deixou claro que estava muito contente em ver um torcedor local com tanta vontade de se aproximar dele", disse Kevin na manhã seguinte ao encontro com o ídolo.

A pose pode ser de personagem de história em quadrinhos, mas Gabigol é, sim, de carne e osso. Se hoje transparece a figura de um ser imbatível, é preciso lembrar que há dois anos o craque estava de joelhos, cansado de tanto apanhar. Talento precoce saído da Vila Belmiro de Pelé, Robinho e Neymar, Gabriel foi negociado em 2016 por 29,5 milhões de euros com a Inter de Milão. Desembarcou na Itália com a medalha de ouro olímpica no peito e números que o credenciavam como provável titular. A realidade, porém, foi bem diferente. Nos doze meses em que vestiu a camisa *nerazzurra,* Gabriel não atendeu às altíssimas expectativas. Um dos três treinadores da Inter naquela temporada, o holandês Frank de Boer não poupou palavras para criticar seu comportamento.

KAIO LAKAIO

De jogador problema a ídolo da criançada: de volta ao Brasil, Gabigol soube se reinventar

"Ele pensava que ainda estava jogando no Brasil. Só queria receber a bola sem correr, mas tinha de trabalhar duro nos treinamentos." Nesse meio tempo, o jogador também perdeu espaço na seleção brasileira principal. Tite se incomodou com a cara fechada de Gabigol no vestiário por não ter aceitado bem a reserva em sua primeira convocação depois da Rio-2016. Tanto que não foi mais chamado e acabou preterido na lista para a Copa de 2018. Tudo isso colocou o craque em potencial longe do caminho dourado ao qual parecia predestinado.

Certa vez, toda a família de Gabriel foi ao Estádio Giuseppe Meazza, a casa da Inter, para ver o filho pródigo. Ele estava no banco de reservas e foi para o aquecimento, mas acabou ignorado pelo técnico e não entrou na partida. Quando houve a última alteração, a mãe do jogador, Lindalva, levantou-se da cadeira que ocupava no camarote e deixou o local aos prantos. À noite, foi a vez de Gabigol ir às lágrimas. "Ele estava triste. Dizia que dinheiro não era tudo na vida, que queria ir embora. Disse que voltaria para o Santos, para poder ser feliz", conta Wagner Ribeiro, justamente o agente que negociou sua transferência para a Itália e testemunha do traumático episódio. Nem a rápida passagem pelo Benfica de Portugal, também orquestrada por Ribeiro, salvou sua experiência europeia. Gabigol precisaria voltar às origens.

Em janeiro de 2018 conseguiu retornar ao alvinegro praiano, recebendo somente uma fração do que ganhava na Europa. Foi artilheiro do Campeonato Brasileiro e pavimentou sua chegada ao Flamengo. Repetiu a artilharia do Brasileirão em 2019 com a camisa rubro-negra, ergueu a taça nacional e fez História. História

FOTOS IVAN SORTI/SANTOS, ALEXANDRE VIDAL/FLAMENGO, MAURIZIO LAGANA/GETTY IMAGES

O retorno ao Santos: menos dinheiro e muito mais gols

Na Inter de Milão, lágrimas e decepção

Abraço no fã colombiano: idolatria não vê camisa

com H maiúsculo, ao marcar os dois gols do título continental que não vinha fazia 38 anos. Fora dele, buscou afastar-se da imagem de "jogador problema". "Todo o seu entorno tentava conscientizá-lo sobre comportamento, sobre como as pessoas o enxergavam, e que isso era importante", explica Junior Pedroso, empresário que cuida da carreira de Gabigol há sete anos.

O entorno a que ele se refere é a família. A mãe, Lindalva, é a mais presente. Foi ela quem bateu o pé para que o jogador ficasse com 30% dos direitos econômicos de seu primeiro contrato com o Santos, o que garantiu uma boa quantia para a família quando ele deixou o clube. Fabinho Santos, primo de Gabigol, é um dos dois funcionários contratados pela empresa que gerencia a carreira do atacante para acompanhá-lo — o outro é o fisioterapeuta Alex Evangelista. Santos é o "faz-tudo" e mora com o jogador. Mas quem o conhece de perto diz que ele está longe de ser um "parça" tradicional. "Fabinho sabe a hora em que é o funcionário e em que é o primo. Não quer uma vida badalada como a de Gabigol", garante Junior Pedroso. Foi Fabinho, inclusive, peça fundamental na conscientização de Gabriel sobre a necessidade de melhorar sua postura. O grupo teve diversas conversas com o jogador para que ele deixasse de lado o comportamento intempestivo e passasse a tomar menos cartões — algo que ainda precisa melhorar.

Se antes era considerado um pupilo de Neymar, hoje Gabigol está na posição de dar aulas ao mestre. Em um levantamento feito a pedido de PLACAR, a consultoria de análises digitais Bites mostrou que, em 2019, Gabigol fez mais sucesso dentro do Brasil que o próprio camisa 10 da seleção *(veja o levantamento ao lado)*. Falta agora triunfar na Europa. O atacante tem consciência de que um dia voltará para reescrever essa página de sua história. Mas agora só deixará o Flamengo quando encontrar um time que realmente precise de seu futebol. "Não tem desespero. Ele sabe que vai acontecer, mas será um processo natural. Não tem mais 'auê'", revela Pedroso. Se o craque continuar a fazer tantos gols, sua massa de seguidores tende a aumentar.

O MAIS QUERIDO DAS REDES

O atacante do Flamengo teve mais relevância que o craque do PSG em solo brasileiro. Além disso, seu feito mais comentado em 2019 foi sobre futebol, e não sobre polêmicas extracampo*

NEYMAR	GABIGOL
MENÇÕES	
26,3 milhões (5,8 milhões no Brasil)	17,5 milhões (8,7 milhões no Brasil)
PUBLICAÇÕES POSITIVAS	
18%	24%
PUBLICAÇÕES NEGATIVAS	
30%	24%
PICO	
2 de junho, quando divulgou um vídeo sobre as conversas com a modelo Najila Trindade (2,2 milhões de menções)	23 de novembro, data da final da Libertadores (1 milhão de menções)

* O levantamento considera os dados do Twitter nos últimos doze meses

JEAN CATUFFE/GETTY IMAGES

CHRIS BRUNSKILL/FANTASISTA/GETTY IMAGES

Fonte: *Bites*

Com os punhos cobertos por uma blusa, Ronaldinho deixa a delegacia de Assunção algemado. No detalhe, as atividades do ex-craque na cadeia: futsal e futevôlei

JORGE ADORNO/REUTERS

O TRISTE OCASO DE UM GÊNIO

O episódio da falsificação de documentos que levou Ronaldinho à prisão é mais uma evidência da inépcia do craque para definir o rumo da própria vida, totalmente controlada pelo irmão, Assis

Alexandre Salvador

Se fosse permitido fazer alguma graça, rir um pouco das dificuldades do duro tempo no qual vivemos, não seria exagero dizer que, no mundo do futebol, feliz mesmo é o Ronaldinho Gaúcho, que ainda consegue bater uma bolinha. O lugar e as circunstâncias é que são um estorvo: uma cadeia no Paraguai, tendo como companheiros de pelada detentos do Grupamento Especializado da Polícia Nacional, um quartel adaptado para presídio na capital, Assunção. Não fosse realidade, triste e cruel, a turma das redes sociais trataria a situação como um dos já famosos "rolês aleatórios" do ex-craque. E, no entanto, os feitos supostamente criminosos de Ronaldinho e seu irmão, Roberto Assis, o Assis, ainda em investigação, são resultado de uma história de incorreções calmamente construída. Em virtude do uso de documentação falsa na chegada ao país vizinho, os irmãos foram detidos em 6 de março. No último dia 21, o lendário atacante completou 40 anos preso, sem festa, sem pompa. Um de seus advogados, Sérgio Queiroz, esteve no local de detenção e deixou um bolo de aniversário para o craque, mas lá ficou apenas cinco minutos.

O estrago repercutiu muito além da vida íntima do ex-jogador. A Globo, que exibiria uma série especial para celebrar o aniversário de Ronaldinho, uma evidente elegia, adiou o lançamento do programa. Quando foi ao ar, já em meio à pandemia, soaram evidentes as inserções de última hora, menos elogiosas, mais controversas — coladas ao modo torto como o irmão menos famoso cuidava do mais celebrado.

Se foi Ronaldinho que tornou o sobrenome da família conhecido no mundo todo, foi o irmão mais velho que tirou os Assis Moreira do humilde bairro de Vila Nova, na periferia de Porto Alegre. Meia de relativo sucesso no futebol brasileiro, Assis ajudou o tricolor gaúcho a vencer a inédita taça da Copa do Brasil em 1989. Uma tragédia familiar o fez assumir o papel de patriarca: o pai dos meninos morreu afogado na piscina de casa. Sobre essa relação, o próprio Ronaldinho já revelou, em uma carta para si mesmo quando jovem, divulgada há três anos pelo site The Players Tribune, como Assis preencheu a lacuna deixada pelo pai. "Mesmo que ele seja dez anos mais velho que você, ainda que ele já esteja jogando pelo Grêmio como profissional, Roberto estará sempre ao seu lado. Ele não será apenas seu irmão, ele será como um pai para você. E mais do que isso: ele será seu herói", anotou, em tom confessional, evidentemente por meio de uma pena alugada.

Assis se aproveitou dessa posição para exercer controle total sobre a vida do irmão. Em 2005,

LEMYR MARTINS

Os irmãos em 1987, quando o famoso era o meia do Grêmio Assis

EDISON VARA

Foi vestindo a camisa do Grêmio, a mesma usada pelo irmão Assis, que começou sua trajetória como jogador profissional

ALTOS E BAIXOS

Relembrar os bons e os maus momentos das duas décadas de Ronaldinho como um futebolista profissional deixa um misto de frustração e saudade

1998

1999

ADER DA ROCHA

"Olha o que ele fez! Olha o que ele fez!" Na Copa América, realizada no Paraguai, Ronaldinho deixou seu cartão de visita: gol e chapéu antológicos

ALEXANDRE VIDAL/FLA IMAGEM

O empresário aponta e o craque assina: relação abusiva

quando estava no auge da carreira e do sucesso, Ronaldinho arrecadava mais de 20 milhões de euros anuais, entre salários e contratos de patrocínio. Era o jogador de futebol mais bem pago do mundo. Desde aquela época, os arranjos publicitários representavam a maior parte de seus ganhos. Propostas de negócios nunca lhe faltaram. A dificuldade habitual era afastar os aproveitadores. E Assis não os afastou. "Esse rapaz assumiu uma postura abusiva em relação ao irmão", diz o ex-presidente gremista Paulo Odone. "Ele toma todas as decisões por ele, ele é o tutor. É uma postura parecida com a de Neymar com seu pai: enquanto um joga bola, o outro cuida de todos os outros

RICARDO CORREA

Todos falam de Ronaldo e Rivaldo, mas Gaúcho foi fundamental na conquista do penta, na Copa da Coreia e do Japão

ALEXANDRE BATTIBUGLI

A bagunça durante a preparação para o Mundial da Alemanha cobrou um preço alto: a eliminação contra a França de Zidane

2001 **2002** **2005** **2006**

JADER DA ROCHA

A transferência para o PSG, da França, nos estertores da antiga lei do passe, não rendeu um centavo sequer ao Grêmio

DENIS DOYLE/GETTY IMAGES

Pelo Barcelona, Ronaldinho venceu a Liga dos Campeões e duas vezes o prêmio de melhor jogador do mundo dado pela Fifa

Ronaldinho na final da Copa de 2018: rei dos rolês aleatórios

VI IMAGES/GETTY IMAGES

assuntos. Ronaldinho só quer saber de jogar bola, fazer música e pagode." Um exemplo desse comportamento pôde ser notado por PLACAR. Em entrevista publicada em maio de 2007, ele disse não saber quanto recebia de salário do Barcelona nem sequer quanto ganhava com cada contrato publicitário que firmava. "Não me preocupo com isso. Não sei quanto entra por mês nem cuido disso", afirmou. O repórter da ocasião, Paulo Passos, retrucou perguntando se ele tinha de pedir dinheiro à mãe quando saía de casa. "Não, hoje não mais *(risos)*. Aqui eu acabo tendo uma facilidade: em todos os lugares aonde vou, sou convidado. Chego no restaurante e na

JASPER JUINEN/GETTY IMAGES

A vida de excessos na Catalunha (e a falta de magia dentro de campo) provocou um divórcio prematuro com o Barça

2007

2008

PIER GIAVELLI / BPA

O Milan abriu as portas ao ex-melhor do mundo. Apesar de ele ter tido um início promissor, as duas temporadas na Itália foram bem menos espetaculares

ALEXANDRE BATTIBUGLI

A derrota para a Argentina, do jovem Messi, e o bronze na Olimpíada de Pequim marcaram seu último ato pela seleção

2011

CRF/DIVULGAÇÃO

Chegou com pompa ao Flamengo, mas desse casamento só saiu um título carioca (e uma enorme briga na Justiça)

Depois do Barcelona, sua carreira nunca mais foi a mesma : escolhas duvidosas

hora de pagar dizem: 'Não, é por conta da casa'. Não ando com dinheiro no bolso. Uso o cartão para pôr gasolina, e só."

Depois que ele deixou o Barcelona, em 2008, a carreira de Ronaldinho entrou em franca decadência *(veja a linha do tempo ao longo desta reportagem).* Houve lampejos de futebol no Atlético Mineiro, com o título inédito da Libertadores de 2013. Mas desde sua saída da Catalunha ficou cada vez mais evidente que o craque não ditava os rumos da própria vida. Pendurou as chuteiras sem dizer nada, sem uma despedida pomposa, digna de sua trajetória. A conta por ter deixado tudo à custa do irmão chegou.

EUGENIO SAVIO

No Atlético-MG, talvez o último lampejo de brilhantismo: Ronaldinho conduziu o Galo à conquista inédita da Libertadores

Nove jogos, nenhum gol marcado com a camisa do Fluminense. Esse foi o capítulo final da trajetória de R10 como jogador profissional

2013

2014

2015

VICTOR STRAFFON/AFP

Apesar de ter saído de Minas "pela porta da frente", sua ida ao Querétaro, do México, foi só um indício de que sua carreira estava chegando ao fim

RICARDO MORAES/REUTERS

O TIME QUE ENVELHECEU BEM

A atual (e agradável) onda de reprises na TV fez justiça à seleção brasileira tetracampeã nos EUA. O distanciamento histórico provou que o pragmatismo da equipe treinada por Parreira era, na verdade, uma virtude hoje muito celebrada

Luiz Felipe Castro

"A seleção de 94 ganhou, mas..." Quantas e quantas vezes não vimos o comentário acompanhado da conjunção adversativa? "Mas era retranqueira, mas era burocrática, mas o Romário carregava o time nas costas, mas o Zinho girava feito enceradeira..." Nada como o remédio do tempo. Durante este período de quarentena, compulsória e necessária, os jogos da campanha do tetracampeonato foram reprisados à exaustão pelos canais esportivos. Como costuma ocorrer, o distanciamento histórico (e, neste caso, a leveza de quem já sabe como o filme termina) nos fez olhar para aquele time sem o ranço do passado. Bateu até saudade, vejam só. O time montado por Carlos Alberto Parreira pode não ter sido um esquadrão genial como o de 1970, nem espetacular como o de 1982, mas foi a mais "moderna" e "europeia" seleção que já tivemos.

Os 24 anos de fila desde o tri no México eram um fardo pesado. "Esse jejum criou um ambiente quase irrespirável", recorda o ex-volante Mauro Silva, um dos alvos principais das cornetas. "Até hoje muita gente confunde time organizado com time defensivo. Mas o importante é que isso não nos atrapalhou", diz hoje Parreira, que também reviu as partidas em sua casa, em Angra dos Reis, e se surpreendeu. "Que coisa linda foi nossa semifinal contra a Suécia, eu não lembrava que tínhamos dominado tanto o adversário."

Parreira era impopular, mas tinha fortes concorrentes em campo. Um deles era justamente seu homem de confiança: Dunga. O volante era uma espécie de símbolo do jogo que a torcida dizia não suportar. A conotação negativa da "Era Dunga", no entanto, chegou ao fim em solo americano. O capitão foi um dos pilares da equipe. Fundamental não apenas nos desarmes, mas também na organização do meio-campo. Tanto que Dunga é até hoje o segundo jogador com mais passes certos em uma edição do Mundial — 589, dez a menos que o recordista, o espanhol Xavi Hernández, em 2010. "Diziam que éramos defensivos, mas nosso time sempre buscava o gol adversário, era objetivo, triangulava, errava poucos passes", diz Dunga. "Quantas vezes nossos volantes atuais jogam a bola para trás ou para o lado? No chamado 'futebol moderno' quem mais fica com a bola são o zagueiro e o goleiro."

Naquele tempo, assim como agora, o torcedor sentia falta de

PEDRO MARTINELLI

"EU NÃO FALEI?"

Foi difícil convencer o treinador Carlos Alberto Parreira a autorizar que entrasse em seu quarto, na concentração de Los Gatos, para saber o que estava lendo — um livro de gestão de empresas — e como andava seu humor às vésperas da estreia do Brasil na Copa do Mundo de 1994, contra a Rússia. Mais difícil ainda foi conviver

Dunga, o capitão daquele time de 1994: 589 passes certos no Mundial dos EUA

um camisa 10 autêntico. "O papel que já coube a Pelé, Rivellino e Zico, desta vez deveria ser, sem vacilações, de Raí, mas a longa má fase do ex-craque do São Paulo cria insegurança", "previu" PLACAR em seu Guia do Mundial de 1994. De fato, o ídolo tricolor, que iniciou a copa com a braçadeira de capitão, decepcionou e perdeu a vaga para Mazinho a partir das oitavas, contra os Estados Unidos.

Ao contrário das expectativas, o novo quarteto de meio-campo "encaixou". Todos marcavam, deixando Romário e Bebeto mais liberados, mas também participavam da criação, de forma mais cadenciada. "Algumas pessoas reclamavam que o time tocava demais a bola, mas é preciso lembrar que a maioria dos jogos foi na Califórnia, num calor de quase 40 graus", diz Mauro Silva. "Ter o controle do jogo fazia parte da estratégia. Éramos, de fato, uma seleção pragmática. Mas naquele contexto não era algo ruim."

Antes mesmo de encerrar o jejum com uma vitória nos pênaltis, após 120 minutos sem gols diante da Itália de Roberto Baggio, aquela seleção brasileira já tinha sido reverenciada por um gênio da bola. Johan Cruyff, o craque da Laranja Mecânica e inventor da filosofia do "tikitaka" do Barcelona, revelou sua torcida pelo time de Parreira em uma coluna publicada pelo jornal *Folha de S.Paulo* antes da final. "Nunca mostrei tão abertamente minhas preferências, mas agora é diferente. O futebol não é só conservar a bola ou escondê-la. O futebol é manter o controle da bola para buscar o gol. Só o Brasil fez isso. E, por isso, agora que o título está em jogo, quero que ganhe esta opção pelo futebol-espetáculo." Como sempre, Cruyff enxergou antes.

com o educadíssimo e contido mau humor do homem depois que lhe enviaram, por fax, a capa da revista VEJA com a reportagem que eu fizera com ele e a seguinte chamada: "O Itamar da Seleção". Era uma provocação, uma brincadeira, um modo de comparar o jeitão pacato, insosso até (e muito criticado) do então presidente, Itamar Franco, com o estilo organizado e disciplinado, mas sem brilho, de Parreira.

Sempre que nos encontrávamos à beira dos campos de treinamento ou depois dos jogos, naquele verão americano, e não foram poucas vezes, sabendo que eu era um dos enviados de VEJA aos Estados Unidos, e com a seleção avançando, vencendo e empatando, ele sorria e fechava o ricto com uma frase: "Eu não falei?". Sim, falara. Mas quem apostaria naquele time antes de começar a campanha no acanhado estádio da Universidade Stanford, apesar do empenho do treinador, apesar de Romário? Muito poucos. E o Itamar da Seleção entrou para a história com o tetra, o homem que montou um time que o tempo tratou de melhorar.

Fábio Altman

O PECADO DE BIANCHI

O treinador argentino, papador de taças continentais, quase foi responsável pela saída de Totti da Roma pela porta dos fundos

Luiz Felipe Castro

Carlos Bianchi é um personagem bastante familiar aos brasileiros. Em três ocasiões, esse senhor calvo, com pinta de malhumorado, ergueu a Taça Libertadores em pleno Morumbi, calando nada menos que são-paulinos, palmeirenses e santistas. Mas o "Virrey" (vice-rei), como é conhecido em Buenos Aires, foi bem mais do que o brilhante técnico que domou egos como o do goleiro Chilavert e o do meia Riquelme e levou o Vélez Sarsfield (em 1994) e o Boca Juniors (2000, 2001 e 2003) ao topo do continente. Bianchi, hoje com 70 anos, foi um artilheiro nato, ídolo de argentinos e franceses, com marcas expressivas como jogador.

Bianchi nasceu na capital da Argentina, em abril de 1949, em uma família de classe média e, ironicamente, torcedora do River Plate. Já ostentando indícios de uma galopante calvície, Bianchi iniciou a carreira como jogador no Vélez, estreando justamente contra o Boca, em 1967. Em dezoito anos de trajetória, ele se tornaria o ídolo máximo e o maior goleador do clube do bairro de Liniers, com 206 gols em duas passagens. Nesse meio tempo, também fez história no futebol francês, com cinco artilharias da liga nacional, três pelo Stade de Reims e duas pelo Paris Saint-Germain, ainda um clube pequeno em sua primeira dé-

MAURIZIO BORSARI/AICFOTO

Totti *(de agasalho azul)* e o "presunçoso" Bianchi: o atacante levou a melhor

cada de vida. Recentemente, Neymar igualou um recorde de Bianchi no PSG ao balançar as redes em oito jogos consecutivos.

Nem mesmo recorrentes problemas de visão foram capazes de parar o matador argentino. "Nunca enxerguei bem, mas eu sabia aonde a bola iria, sentia o cheiro. Tinha o instinto do centroavante", disse ele, durante visita recente ao PSG. O ex-atacante brasileiro Iarley, que ganhou de Bianchi a camisa 10 do Boca em sua bem-sucedida passagem pelo time *(leia mais sobre Iarley na pág. 58)*, guarda boas lembranças do mestre. "Depois dos treinos, fazíamos desafios de finalização e ele gostava de participar. Mesmo com uma certa idade, ainda tinha um chute muito bem colocado, dava para ver que foi fera mesmo. Ele me ensinou fundamentos e a conhecer a potência do meu chute. Ele se irritava muito quando um atacante chutava por chutar."

Pela seleção argentina, sua trajetória foi fugaz: em catorze jogos, fez sete gols — quatro deles, veja só, em solo brasileiro, durante a Taça Independência de 1972, chamada na Argentina de Mundialito, um torneio amistoso que reuniu vinte seleções. Bianchi jamais negou que sua maior frustração foi não ter participado de uma Copa do Mundo — foi preterido como atacante em 1974 e 1978, e negou três propostas da seleção argentina como treinador, alegando "valores morais" distintos aos da federação do presidente Julio Grondona. O fato é que, apesar de eclipsada por seu incrível e mais recente trabalho como técnico, Bianchi encerrou a carreira em 1985 como um excepcional goleador. Somou 385 gols em 546 jogos, uma média de 0,70 por partida, superior até a Ronaldo Fenômeno (0,67, com 414 tentos em 616 partidas).

Um capítulo pouco conhecido (e bem menos honroso de sua biografia) foi sua passagem desastrada como treinador pelo futebol europeu. No verão de 1996, Franco Sensi, presidente da Roma, decidiu ouvir os apelos de um primo que vivia na Argentina e investir na contratação do técnico. Bianchi partiu rumo à Itália e logo de cara não se bicou com uma jovem promessa: ninguém menos que Francesco Totti. "Ele odiava os romanos. Sobretudo eu, que era o mais jovem. Nunca tivemos uma boa relação. Dizia que eu era malandro, preguiçoso, que não fazia diferença. Eu queria ir embora", contou o capitão, já no fim de carreira como ídolo *giallorosso,* a uma TV italiana. Então com 20 anos, Totti estava de malas prontas com destino a Gênova, para jogar na Sampdoria, quando a história mudou. Bianchi pedia insistentemente a contratação do finlandês Jari Litmanen, estrela do Ajax, para o meio-campo. No entanto, um torneio triangular de pré-temporada chamado Cidade de Roma, no início de 1997, pôs Totti e Litmanen frente a frente e o craque italiano convenceu a diretoria de que Bianchi estava equivocado.

Totti marcou dois gols e fez jogadas mágicas, "maradonianas", como recorda o acervo do diário *La Gazzetta dello Sport.* "Totti é melhor que Litmanen. Ele nos serve e não sairá da Roma", cravou naquela noite o presidente Sensi. Apesar do sobrenome italianíssimo, jamais houve química entre Bianchi e os romanos, garante o jornalista Mimmo Ferretti, veterano na cobertura do clube pelo jornal *Il Messaggero.* "Era argentino de nascimento, mas tinha um ar mais francês. Era muito presunçoso, sempre de nariz em pé, se achava o melhor de todos. Ele provocava a imprensa errando, de propósito, o nome de todos os jornalistas", conta Ferretti, que se diverte ao lembrar que chegou a levar um cartaz com seu sobrenome para que Bianchi não o chamasse de "Ferrini" ou "Ferrari". A estada de Bianchi no Calcio terminou meses depois com uma fulminante demissão. Foi melhor para todos: enquanto Totti apaixonaria corações romanos, Bianchi empilharia taças pelo Boca Juniors. Aposentado, o argentino vive hoje com a mulher, em Paris.

ZENSACIONAL!

Grande surpresa da temporada europeia, infelizmente interrompida, o norueguês Haaland é muito mais do que um artilheiro que comemora seus gols meditando

Alexandre Senechal

Um garotão alto e magro, recém-chegado ao Borussia Dortmund, rouba a cena e marca os dois gols do time na vitória por 2 a 1 contra o Paris Saint-Germain, pelas oitavas de final da Liga dos Campeões. Na comemoração, a cada bola na rede, o já tradicional sinal de meditação. Na postagem no Instagram sobre a partida, a legenda "ZENsational win" (uma brincadeira, em inglês, explicando do que havia sido uma vitória sensacional). Brilhar nos grandes palcos europeus era um sonho de criança para o ainda muito jovem Erling Braut Haaland, de apenas 19 anos. Antes do início da atual temporada, tristemente interrompida pela pandemia de coronavírus, Haaland tinha só a Champions na cabeça. E nos ouvidos. No centro de treinamento do Red Bull Salzburg, da Áustria, antes da transferência para a Alemanha, o zagueiro Max Wöber encontrou o garoto dentro do carro ouvindo o hino da competição no último volume. A história, é claro, virou brincadeira no vestiário. "O engraçado é que ele já estava sonhando com aquilo, vendo o futuro. Já entrando no clima para jogar", contou o também zagueiro André Ramalho, brasileiro que defende a equipe austríaca.

Ao menos nesta temporada, a história não teve final de conto de

O estilo excêntrico e tranquilão: o atacante só perde a calma quando é derrotado

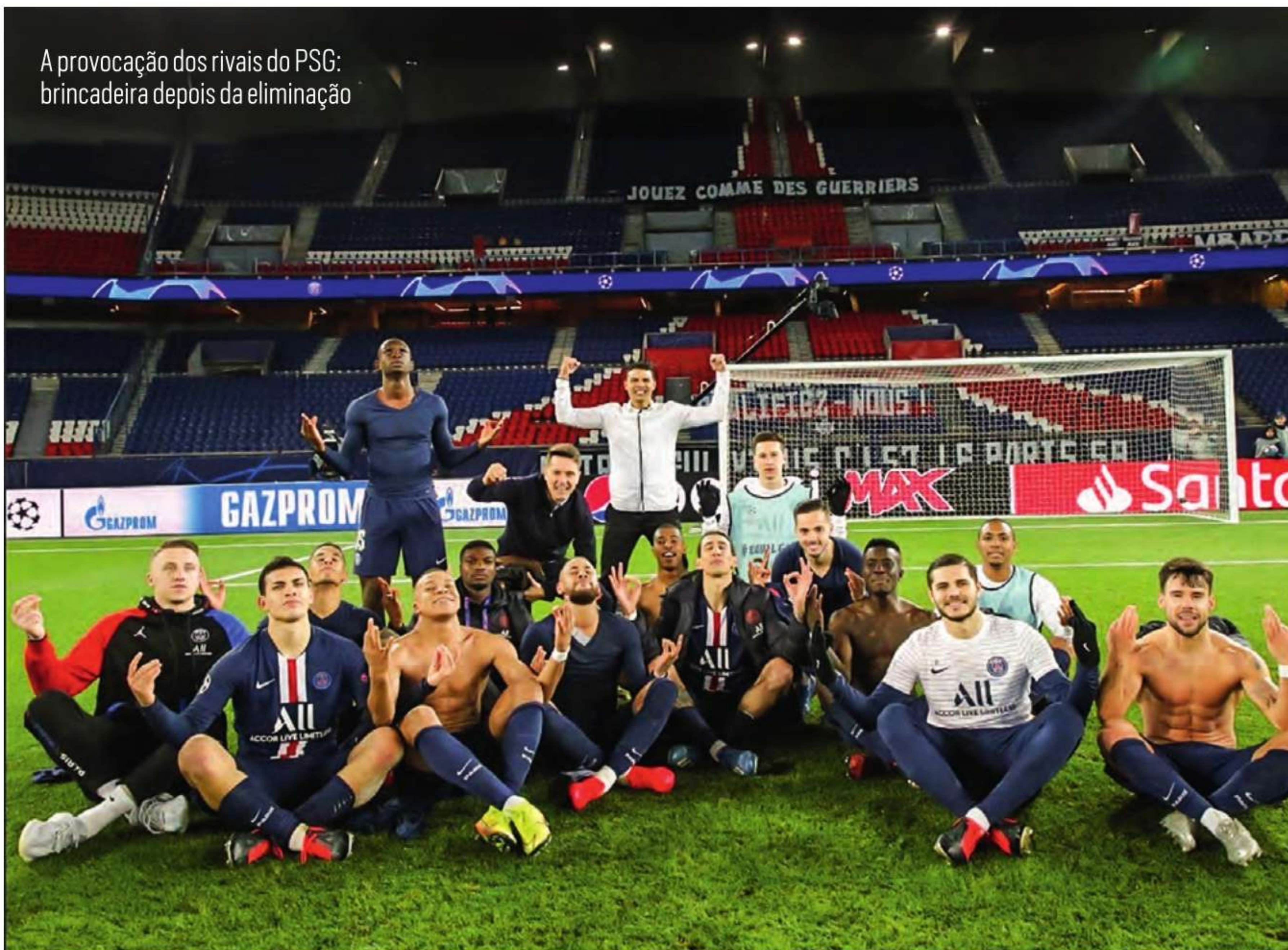
REUTERS/LEON KUEGELER

fadas. O Salzburg não passou de fase em um grupo complicado, que contava com o atual campeão Liverpool e os italianos do Napoli. Depois, já pelo Dortmund, Haaland viu o PSG reverter a vantagem obtida na partida de ida e acabou eliminado, pela segunda vez, do mesmo torneio. Ainda assim, há muito que comemorar. O norueguês foi o primeiro jogador da história a fazer dez gols na competição em apenas sete partidas disputadas — superando Adriano Imperador, Roberto Firmino e Sadio Mané, que precisaram de onze jogos para balançar as redes tantas vezes. Por onde passou, Haaland sempre deixou um saldo positivo: com as camisas de Red Bull Salzburg e Borussia Dortmund, acumulou mais bolas nas redes do que o total de partidas. Com 1,94 metro e 86 quilos, o jogador tem faro de gol e, apesar do corpanzil, explosão física para correr em altas velocidades. A pergunta que não quer calar: até onde ele pode chegar?

Para prever o futuro, é preciso olhar para o passado. Erling Braut Haaland nasceu em Leeds, na Inglaterra, no dia 21 de julho de 2000. A vocação para o futebol veio do pai. Alf-Inge Haaland atuou como volante e lateral-direito nas equipes inglesas do Notthingham Forest, do Manchester City e do Leeds United. O único de seus três filhos que decidiu seguir carreira no futebol optou pela nacionalidade do pai, pois, apesar do local de nascimento, se mudou para a cidade norueguesa de Bryne com apenas 3 anos. A mãe, Gry Marita, também foi atleta de alto rendimento e chegou a ser campeã nacional de heptatlo. Com pais esportistas, o jogador foi exposto às mais diversas modalidades desde seus primeiros passos. Além do futebol, ele praticou atletismo, handebol e esqui. A primeira demonstração de que poderia se tornar um esportista apareceu aos 5 anos, graças a qualidades herdadas de seu lado materno. Em janeiro de 2006, Haaland registrou o recorde mundial de sua idade numa modalidade bizarra, que já não é olímpica, o salto em distância sem impulso: 1,63 metro. A marca perdura até hoje. Antes de se tornar futebolista profissional, quase foi parar na seleção nacional de handebol. Mas a vontade de Haaland era estufar a rede usando os pés.

A estreia como jogador do Bryne FK, o mesmo time que Alf-Inge defendeu no início da carreira, aconteceu em maio de 2016, aos 15 anos. Haaland não marcou nenhum gol, mas chamou a atenção do Molde FK. E foi em um dos principais times do país que começou sua ascensão meteórica. “A gente não sabia que ele ia se tornar isso tudo, mas dava para ver que tinha algo especial. Pelos treinamentos, pelo jeito de finalizar, pelo posicionamento. Não foi uma surpresa”, revelou Neydson da Silva, goleiro brasileiro que foi companheiro de Haaland no clube. Se a impressão que se tem é de que o “Manchild”, o homem-criança, como é chamado, é um cara maduro para pouca idade, nada disso. “Ele não tinha só tamanho, sua personalidade sempre foi de querer aprender”.

A curiosidade de Haaland só aumentou ao assinar com o Red Bull Salzburg em 2018. “Ele tem aquele sorrisão, brinca na hora de brincar, mas sabe que tudo tem hora certa. No momento em que tinha de ser profissional, ele era”, afirma o ex-companheiro André Ramalho. Mas, mais do que maduro, o jovem sempre teve muita personalidade. O zagueiro brasileiro conta que ele tinha um jeito, digamos, extravagante de se vestir e não se importava com as brincadeiras dos companheiros. Um exemplo? Erling usava óculos com lentes avermelhadas para amenizar a luz azul do celular e poupar sua visão. “Ele faz o que acredita, e acabou. Acho isso fenomenal”, diz Ramalho.

A provocação dos rivais do PSG: brincadeira depois da eliminação

PSG

O início precoce no Bryne FK

EVEN SEL/BRYNE FK

No Mundial Sub-20, nove gols em um só jogo

FIFA/GETTY IMAGES

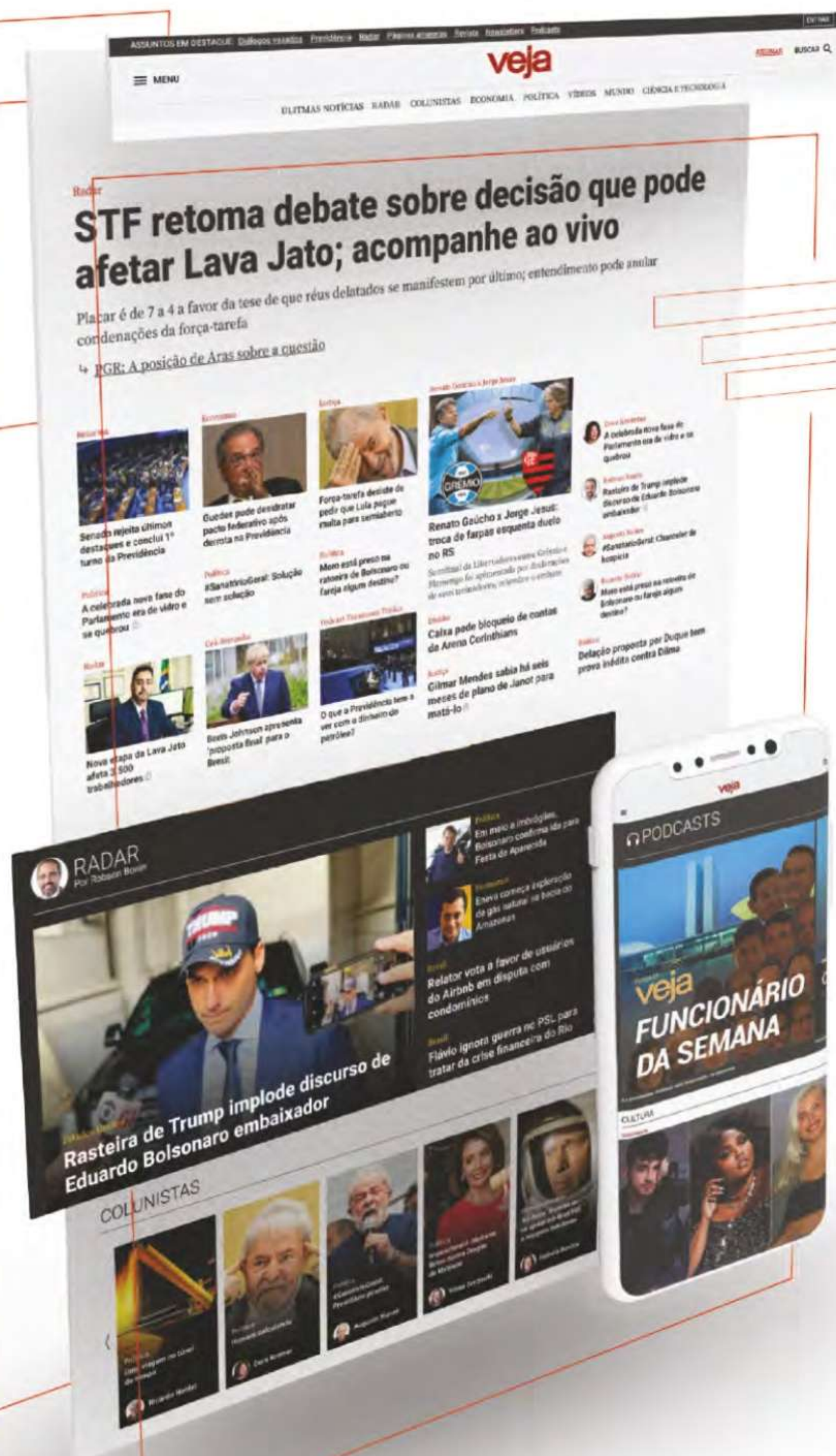
No Molde FK, tomou gosto por balançar as redes adversárias

BJØRN S. DELEBEKK/VG

Sua "mania" mais chamativa, porém, é a capacidade de fazer gols em abundância. Em maio de 2019, deixou o mundo de queixo caído ao anotar nove dos doze gols da Noruega na vitória sobre Honduras no Mundial Sub-20. Foram oito gols em seis partidas do Salzburg na primeira fase da Champions — os outros dois anotados pelo Dortmund contra o PSG não foram suficientes para lhe garantir a artilharia da atual edição do torneio, porque o fantástico Robert Lewandowski já fez onze pelo Bayern de Munique. Na virada do ano, os alemães ganharam a queda de braço contra o Manchester United e a Juventus e contrataram o futuro craque pela módica quantia (nos padrões atuais) de 30 milhões de euros. O empresário Mino Raiola aceitou a proposta do Dortmund após conseguir colocar no contrato com os alemães uma cláusula relativamente baixa de venda posterior ("apenas" 63 milhões de euros), além de levar ele próprio 10 milhões a título de comissão.

Mais do que um artilheiro, o Borussia comprou um jogador comprometido com o clube. Haaland não namora e treina até nos dias de folga. Certa vez, o goleiro Roman Bürki foi ao centro de treinamento da equipe em um dia sem atividades e encontrou o atacante, que havia ido malhar. Em outra folga, ele apareceu de novo. Tanta vontade também é vista no treino com bola. Se perde no rachão, o jovem tranquilo e praticante de meditação desaparece. A entrega rendeu um raro elogio do técnico Lucien Favre, avesso a exaltar jogadores de forma individual, que afirmou que é difícil achar um atacante com tantas qualidades.

O futebol é a primeira, a segunda e a terceira prioridade na sua rotina. Haaland costuma assistir a vídeos de grandes atacantes para aprender e se inspirar. O ídolo máximo é Michu, atacante espanhol que defendeu o Swansea, do País de Gales, mas tem muita admiração pelos Ronaldos: o português e dois brasileiros (Fenômeno e Gaúcho). E foi graças a esses e outros ídolos que surgiu o carinho pelo Brasil. Na entrevista ao repórter Marcelo Bechler, correspondente do canal Esporte Interativo na Catalunha, o norueguês afirmou conhecer até Gabriel Barbosa. Neydson entregou o motivo. "Ele gostava de jogar *Football Manager* e perguntava sobre as promessas e alguns clubes do Brasil. Foi quando o Gabigol começou a estourar." O carinho é recíproco. Desde que foi para o Dortmund, só aumenta o número de seus seguidores no Instagram oriundos do Brasil. "Haaland quis falar com a gente porque sabe que tem muitos fãs no nosso país", explicou Bechler. Com cerca de 200 pedidos de entrevista recebidos pelo Dortmund, Haaland pediu para falar com um veículo brasileiro para se conectar com seus fãs locais.

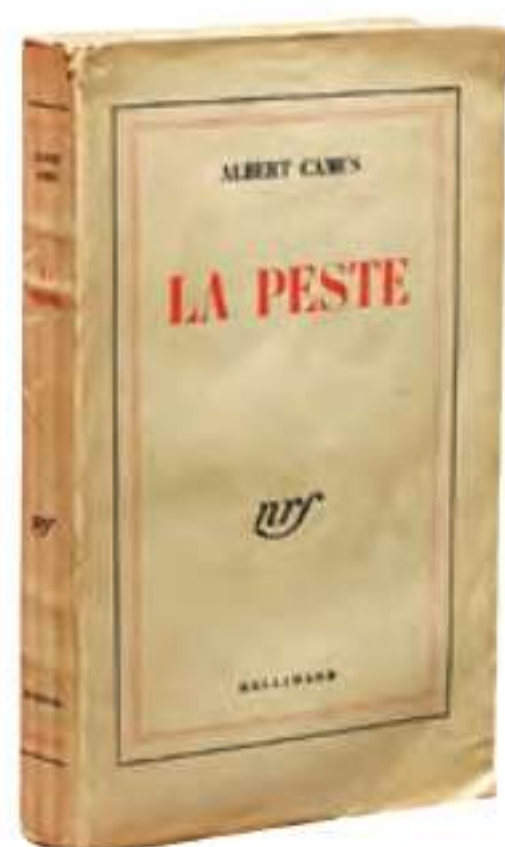
O único brasileiro que conseguiu tirar Haaland do sério foi Neymar. Ele ficou muito bravo quando o camisa 10 do PSG imitou o gesto de meditação na comemoração de um dos gols contra o Dortmund. O assessor do clube alemão, Daniel Stolpe, revelou a PLACAR que a raiva passou e que ele já tem uma visão diferente sobre o episódio. Agora, o norueguês entende que chamou a atenção de Neymar, algo especial para um jogador que, até outro dia, era um mero desconhecido. É um caminho sem volta. Hoje o mundo inteiro já sabe quem é Erling Braut Haaland. Um jogador "zensacional".

EDIÇÃO: GABRIEL GROSSI

PRORROGAÇÃO

CULTURA, MEMÓRIA & IDEIAS

A METÁFORA DA VIDA

Albert Camus, autor de um clássico que voltou a ser lido, *A Peste,* atribuía tudo o que imaginava saber sobre moral e o comportamento humano — tão essenciais agora — ao futebol e seu tempo de goleiro

Fábio Altman

Para cada drama, um livro de cabeceira. Logo depois dos atentados terroristas de novembro de 2015, os franceses esgotaram sucessivas edições de *Paris É uma Festa,* de Ernest Hemingway. Quando a Notre-Dame ardeu em chamas, em abril de 2019, nos dias seguintes já não se encontrava o romance seminal de Victor Hugo em torno da igreja habitada por Quasímodo. Agora, em 2020, com a pandemia do coronavírus e as mortes provocadas pela Covid-19, houve intensa procura pelo clássico *A Peste,* do escritor francês nascido na Argélia Albert Camus (1913-1960), originalmente publicado em 1947. É o relato de uma epidemia trazida por ratos que isola do mundo os moradores da cidade argelina de Oran — o modo, nem tão dissimulado assim, que Camus encontrou para denunciar as barbáries do nazismo e mostrar principalmente a luta da Resistência francesa contra a ocupação alemã. Embora, ressalve-se, muitos críticos de literatura tenham apontado obviedade em demasia nessa metáfora entre o cotidiano e o romance, dadas a complexidade de raciocínio e a inteligência de Camus. Não há dúvida, hoje, das motivações atuais para o renascimento de *A Peste.* Mas o que, afinal, o futebol, e, portanto, PLACAR, tem a ver com isso?

Tudo. Camus sempre gostou de futebol e, na infância e no início da adolescência, jogou como goleiro, dos bons, elogiado pelos colegas e treinadores, no Racing de Argel. Só não se-

CECIL BEATON/CONDÉ NAST/GETTY IMAGES

ROGER VIOLET

Na infância, Camus *(à esq. e no destaque, ao lado)* era celebrado pelos colegas do Racing argelino

FREDERIC REGLAIN/GAMMA-RAPHO/GETTY IMAGES

guiu carreira, tendo preferido as letras, porque aos 17 anos foi diagnosticado com tuberculose — e, apesar dela, fumou a vida inteira, como se o cigarro fizesse parte de seu corpo, com a fumaça a preencher os pulmões e o permanente ar de Humphrey Bogart perdido de amor pela Ilsa Lund de Ingrid Bergman. Camus não apenas admirava o esporte como também o utilizava como bússola. “Tudo o que sei sobre a moral e as obrigações do homem eu devo ao futebol”, disse assim que começou a se destacar, a caminho do Nobel de Literatura de 1957. Logo depois da premiação, ele foi flagrado no estádio Parc des Princes, em Paris, acompanhando uma partida do Racing local. Está no YouTube: um repórter de televisão se aproxima e, diante de uma falha do goleiro, “que parece não estar em sua melhor forma”, pede um veredicto a Camus. A resposta, rápida e firme, de um torcedor que identificava os bons jogadores e nutria especial carinho pelo soviético Lev Yashin, o Aranha Negra: “Não o culpe. Se o senhor estivesse debaixo do travessão, saberia quão difícil é estar ali”.

É uma dificuldade que poderia ser traduzida por outra obra de Camus, *O Mito de Sísifo,* de 1942, atalho para entender a beleza do futebol, os tropeços inevitáveis de goleiros e joga-

ITAR-TASS/TOPFOTO

O escritor gostava de lembrar as peladas nos bairros pobres de Dréan e Argel *(à esq.)*, onde aprendeu a ser goleiro; ele cultivava o prazer de ver craques como Yashin *(acima)*

dores de linha — especialmente agora, com tudo parado, e as emissoras de esportes exibindo em videoteipe vitórias gloriosas e derrotas acachapantes, uma atrás da outra, como se o tempo tivesse sido achatado.

Naquele ensaio, o de Sísifo, rabiscado ao alvorecer da II Guerra, Camus trata do absurdo da condição humana, em que o "suicídio não é uma opção", ancorado na narrativa clássica do personagem condenado por Zeus a rolar uma pedra colossal montanha acima para vê-la escorregar para baixo novamente, em moto-perpétuo, pela eternidade. Assim é o futebol, sinônimo de vida. Ou, como anotou Camus nas linhas finais de *A Peste*: "Na verdade, ao ouvir os gritos de alegria que vinham da cidade, Rieux lembrava-se de que essa alegria estava sempre ameaçada. (...) E sabia, também, que viria talvez o dia em que, para desgraça e ensinamento dos homens, a peste acordaria seus ratos e os mandaria morrer numa cidade feliz".

Nos destroços do carro acidentado em 4 de janeiro de 1960, vindo do interior para Paris e dirigido pelo lendário editor Michel Gallimard, tragédia que mataria a ambos, foram encontrados esboços de um livro — *O Primeiro Homem* —, publicado postumamente pela filha em 1994. Há, nele, por intermédio de um personagem que bem poderia ser um alter ego, a paixão pela bola improvisada nas ruas de bairros pobres da capital argelina ou, como escreveria Chico Buarque de Hollanda em uma crônica publicada em *O Estado de S. Paulo* durante a Copa do Mundo de 1998, que tratava do Brasil, evidentemente, "a pelada é uma espécie de futebol que se joga, apesar do chão". Assim Camus tocava a vida, como se tocasse uma bola.

Um dos biógrafos do escritor franco-argelino anotou a seu respeito, depois de vasculhar a intimidade de Camus com a atividade de Raymond Kopa, Michel Platini, Zinedine Zidane e Antoine Griezmann: "Ele gostava de dizer que não havia aprendido a moral com Marx ou com os Evangelhos, e sim na pobreza, na rua, nos campinhos de futebol".

A jogadora uruguaia, camisa 9 do Sud América de Paysandú: uma das pioneiras na luta pela presença feminina

ERA ELA E MAIS DEZ

LEONID STRELIAEV/PLACAR

Nome: Claudina Vidal. Posição: atacante do Sud América, do Uruguai. O ano: 1972. Ela jogava num time só de homens, e ler sua história é mergulhar no machismo e no preconceito que dominavam (ainda dominam?) o mundo do futebol

PLACAR recuperará reportagens antigas que ajudaram a construir a história da revista — revisitadas aos olhos de hoje, para que sejam entendidas em seus contexto original. Nesta edição, lembramos um tempo em que não havia futebol feminino profissional — mas uma mulher jogava por um time uruguaio ao lado de homens.

"Ela é a única mulher do mundo que joga num time de homens, um show inédito. Longe de ter intimidade com a bola, não é otária e corre noventa minutos sem parar." Foi assim, com um misto de preconceito e espanto, que PLACAR apresentou aos leitores Claudina Vidal, camisa 9 do time uruguaio Sud América. A ideia original da pauta era acompanhar um jogo contra o Operário Futebol Clube, da cidade gaúcha de Alegrete, próximo à fronteira com o Uruguai. Ao chegar lá, o repórter Roberto Appel teve a ideia de pedir ao técnico do time brasileiro para entrar em campo para viver por inteiro a experiência de conhecer essa pioneira do futebol feminino.

O relato de Appel, publicado na edição da revista com data de capa de 24 de março de 1972, é no mínimo curioso (e em alguns momentos tristemente engraçado), se cotejado com os o humores de hoje. "Tomei a decisão na hora do almoço", escreve ele. "Queria marcar Claudina Vidal, observar de perto suas reações, seus gestos, seus gritos, seu comportamento em campo." O repórter confessa que havia comido (e bebido) muito, mas o treinador do Operário concordou em deixá-lo entrar em campo no início do segundo tempo, com calor de 30 graus à sombra.

"Claudina só joga pela direita — e eu não larguei a dona um minuto. Ela começou a se movimentar mais, e eu atrás. Disse: 'Perdão, Claudina, quero apenas te observar um pouco, tirar umas fotos ao teu lado. Não estás cansada ainda?'. Ela gozou: 'Eu posso correr 180 minutos, não canso nunca'." O jornalista zagueiro resistiu apenas catorze minutos em campo, "em meio aos apupos da torcida ('Sai de perto dela, vagabundo; larga a mulher, cabeludo; não tens vergonha na cara?')". Saiu, quase desmaiou de tanto cansaço e precisou ficar vinte minutos deitado na pista de areia para se recuperar.

Na reportagem, Appel é implacável. "Se o público — que deu uma renda de Cr$ 4 000,00, excelente para Alegrete — fosse mais exigente, teria reparado que Claudina não joga lhufas", sentencia. "Mas o que interessava mesmo era ver a mulher no meio dos marmanjos. E isso o pessoal estava vendo, pela primeira vez na vida. Não havia fraude." A atleta é apresentada mais ou menos como uma atração circense. Um dos organizadores do jogo, Carlos Etchevarría, explica, sem meias palavras: "Estamos oferecendo um show inédito. Nunca dissemos que Claudina joga bem. Nossas apresentações baseiam-se em 'Claudina, a mulher que joga num time de homens', e não em 'Claudina, a mulher que sabe jogar futebol'". Além disso, havia uma preocupação explícita em evitar o contato. "Não que ela tenha medo, mas nós não podemos nos arriscar, porque uma contusão acabaria com um plano que levou vários anos para ser posto em prática."

Os promotores do "espetáculo" falam sem nenhum pudor dos "trambiques publicitários" para atrair público. "Muita gente duvida que Claudina Vidal seja mesmo mulher — ou, no mínimo, que seja feminina", prossegue a reportagem. "Etchevarría e Arturo Vidal, técnico do time e primo de Claudina, garante que ela não é mulher-macho. Eles vêm dizendo isso desde o início de 1970, quando resolveram lançá-la na equipe, como uma maneira de pro-

LEONID STRELIAEV/PLACAR

A legenda constrangedora da reportagem original: "Feliz é o massagista Ruben, o único da equipe que pode chegar perto de Claudina"

LEONID STRELIAEV/PLACAR

O repórter Roberto Appel, designado para marcar a atacante, aguentou só catorze minutos no calor de 30 graus: "Sai de perto dela, vagabundo"

jetar o clube e (não escondem) ganhar algum dinheiro."

Inadvertidamente, a história de Claudina expõe o preconceito com que as mulheres eram tratadas no meio futebolístico. Vale lembrar que, no Brasil, um decreto-lei publicado em 1941 proibia a prática do futebol feminino — seria revogado em 1979, ainda ontem. Nas últimas quatro décadas, muita coisa avançou, mas há um longo caminho para garantir mais popularidade e, sobretudo, mais dinheiro ao futebol feminino brasileiro.

Por mais que a sociedade brasileira ainda seja bem conservadora em diversos aspectos, não dá para negar que muita coisa mudou nestes quase cinquenta anos, desde a publicação de "Eu marquei Claudina". Ler o texto hoje causa muita estranheza. E, entre tantas ironias e piadas que atualmente já não têm mais graça, um quadro publicado na reportagem chama ainda mais atenção. É difícil não se espantar com o show de machismo de "E o massagista?". A seguir, a íntegra do que foi publicado em 1972.

"Com 37 anos, gordo e alegre, Ruben Bolfarini tem uma posição privilegiada na equipe Sud América: é o massagista, o único com autorização para meter a mão nas coxas de Claudina Vidal.

Há mais de seis anos no clube uruguaio, demonstra o maior respeito por Carlos Etchevarría e Arturo Vidal, e fica um pouco encabulado quando fala no assunto. Tenta disfarçar:

— Para mim Claudia é homem, igual aos outros.

Depois cede e confessa, quase sussurrando, que um homem normal sente a diferença:

— Nós todos fomos preparados para aceitá-la sem distinção, porque todos devem ter o mesmo tratamento. Mas é só tocar suas coxas lisas, mesmo de olhos fechados, que tudo muda. Os homens exigem o máximo respeito, e eu acho que estão certos, mas isso não impede que eu sinta alguma coisinha. Afinal, não sou boneco.

Claudina, deitada na mesa de massagens, parece satisfeita com o tratamento que recebe de Ruben Bolfarini."

Por mais que tenha sido enviado de Porto Alegre a Alegrete para fazer a reportagem, Roberto Appel deixa claro que "é quase impossível chegar perto de Claudina, a não ser na hora da entrevista coletiva — na qual, na verdade, quem fala mais é Carlos Etchevarría", o agitado empresário da atleta. As perguntas, muito mais do que as

LEONID STRELIAEV/PLACAR

O time uruguaio do Sud América em sua formação contra o Operário Futebol Clube, da cidade gaúcha de Alegrete: turnê sul-americana

respostas, seriam um espetáculo constrangedor em 2020.

"Nome? Claudina Vidal, 20 anos, 1,78 metro, 62 quilos.

Tens namorado? Não, não gosto de ninguém.

Qual o tipo de homem que preferes? Detesto cabeludos. Mas não adianta falar, porque não tenho nenhum homem.

Tua vida social, como é? Vou ao cinema, a bailes. Mas já faz tempo que isso não acontece, porque preciso me cuidar para estar sempre em forma.

Quando estás com a bola e o adversário tenta tirá-la, o que fazes? (Silêncio dos jornalistas na sala de entrevista, Carlos Etchevarría pega a palavra.) Ora, ela tenta o drible. Não é isso, Claudina?

Como é que dominas a bola no peito? Sem problema nenhum. Cuido apenas que a bola seja aparada pouco abaixo do pescoço.

Não tens medo de levar uma bolada nos seios? Procuro me proteger cruzando os braços quando a bola é chutada contra mim. Mas os homens também têm de proteger certas partes, não é?

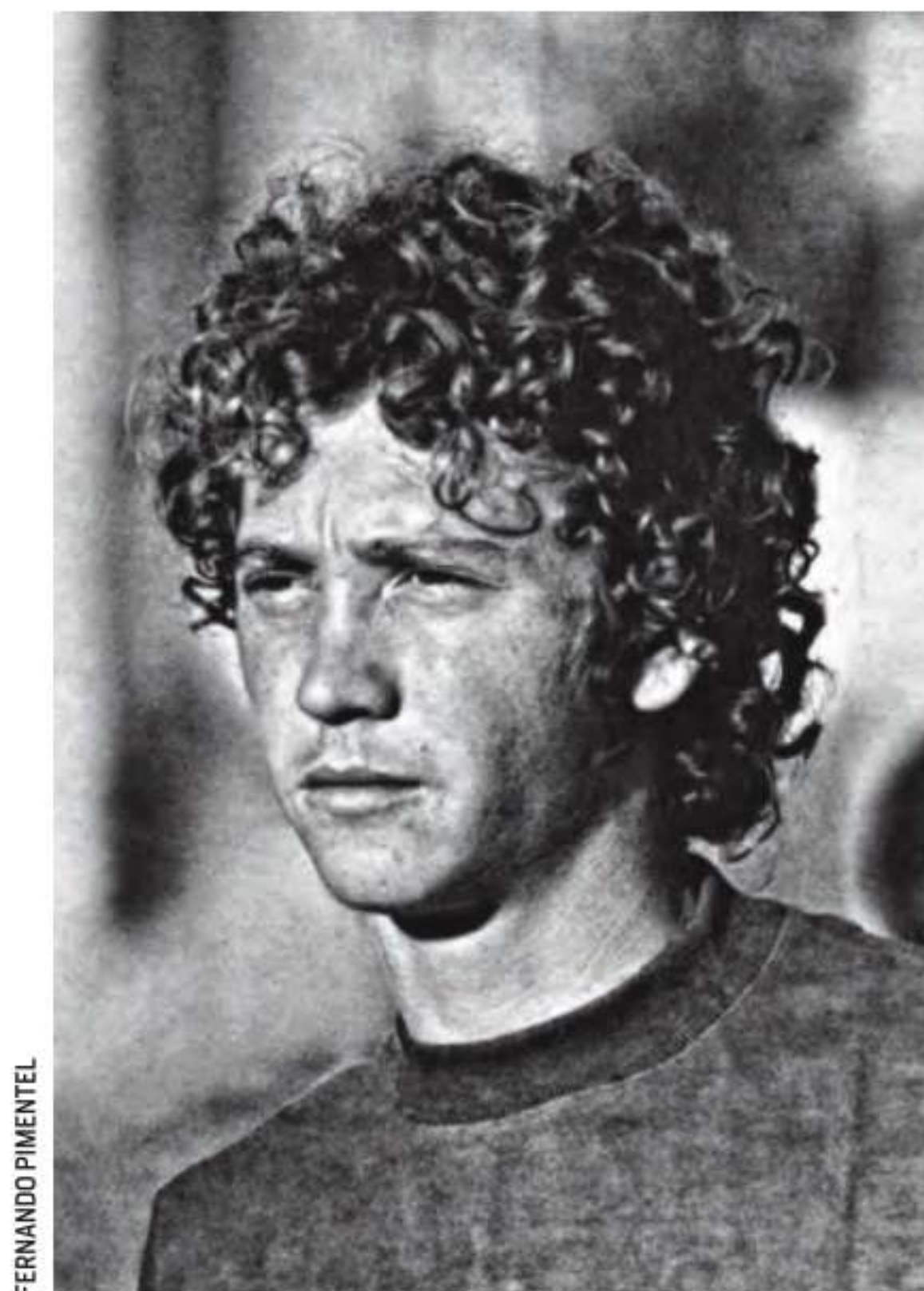
Um adversário nunca tentou brincar contigo, fazer carícias durante o jogo? Eles não têm coragem para isso, me respeitam. Sabem que o resto do time reagiria em minha defesa. Assim, quase nunca sou molestada em campo.

Como fazes quando estás menstruada? (Silêncio novamente, Etchevarría a socorre.) Nós controlamos tudo e sabemos perfeitamente quais os dias em que não podemos contar com Claudina. Cuidamos para não marcar jogos que coincidam com isso e a poupamos nos treinos.

Trocas de roupa junto com os homens? Sempre saio uniformizada do hotel. Primeiro visto um maiô preto bem justo, para firmar o corpo e os seios, e depois a camisa cor de laranja (nº 9) e o calção preto.

Tomas banho depois do jogo? Só vou tomar banho mais tarde, no hotel. Saio de campo, visto minha calça preta e minha blusa estampada por cima do uniforme e vou para o hotel.

Por que não te pintas, como toda mulher? Não gosto de pintura. Em campo, não tem o menor sentido. Como estou sempre treinando, perderia muito tempo com isso. Aliás, não acho que a mulher deva se maquiar, cada uma faz o que bem entende.

Claudina, és virgem? Claro, ainda não gosto de ninguém, só de jogar futebol.

FERNANDO PIMENTEL

"Eu tinha medo de ser mandado embora"

O VOO DE FALCÃO

A primeira aparição do craque nas páginas de PLACAR foi num pôster com a seleção olímpica. Depois, começou a ser citado nos textos como uma das grandes revelações das divisões inferiores do Internacional. Nascia o Rei de Roma

PLACAR lembrará, nesta seção, das primeiras reportagens, o princípio de tudo, de grandes personagens da história do futebol brasileiro publicadas na revista.

Os Jogos Olímpicos de Munique, na Alemanha, foram realizados entre 26 de agosto e 11 de setembro de 1972. Uma semana antes do início das competições, PLACAR publicou um minipôster com a seleção brasileira de futebol (formada por "juvenis", ainda não profissionalizados em seus clubes). A foto clássica, colorida, em duas páginas, com o nome dos garotos, dispensava longas perorações em torno das chances daqueles jovens no torneio. Bastava vê-los. Ali, agachado, com seus grandes cachos loiros, o meio-campo Falcão aparece sorrindo. Foi seu tímido pontapé inicial nas páginas da revista.

Logo viria mais. Dois meses depois, na edição de 27 de outubro, uma reportagem fazia um balanço do desempenho dos atletas canarinhos na Olimpíada (em três partidas, um empate e duas derrotas, eliminação logo na primeira fase da competição). Fotos de outros quatro jogadores ilustram as páginas. Falcão é citado pela primeira vez ao longo do texto. A revista o elogia ("É um dos melhores meias-canchas que as divisões inferiores do Internacional já formaram") e mostra a face tímida do rapaz ("Eu só tenho 19 anos e nem penso em ser titular agora. Quero esperar mais dois anos e subir para os profissionais com chances. Essa seleção me deu moral. Antes, jogava preocupado. No juvenil a gente está sempre naquela ansiedade de saber se vai ser contratado ou não. Agora estou tranquilo, pois o Inter me ofereceu Cr$ 25 000 de luvas e Cr$ 1 000 por mês, pra mim está bom. Eu tinha medo de ser mandado embora.") Na época, o zagueiro Figueroa ganhava 33 000 cruzeiros de salário e o meio-campo Bráulio, 6 300 cruzeiros.

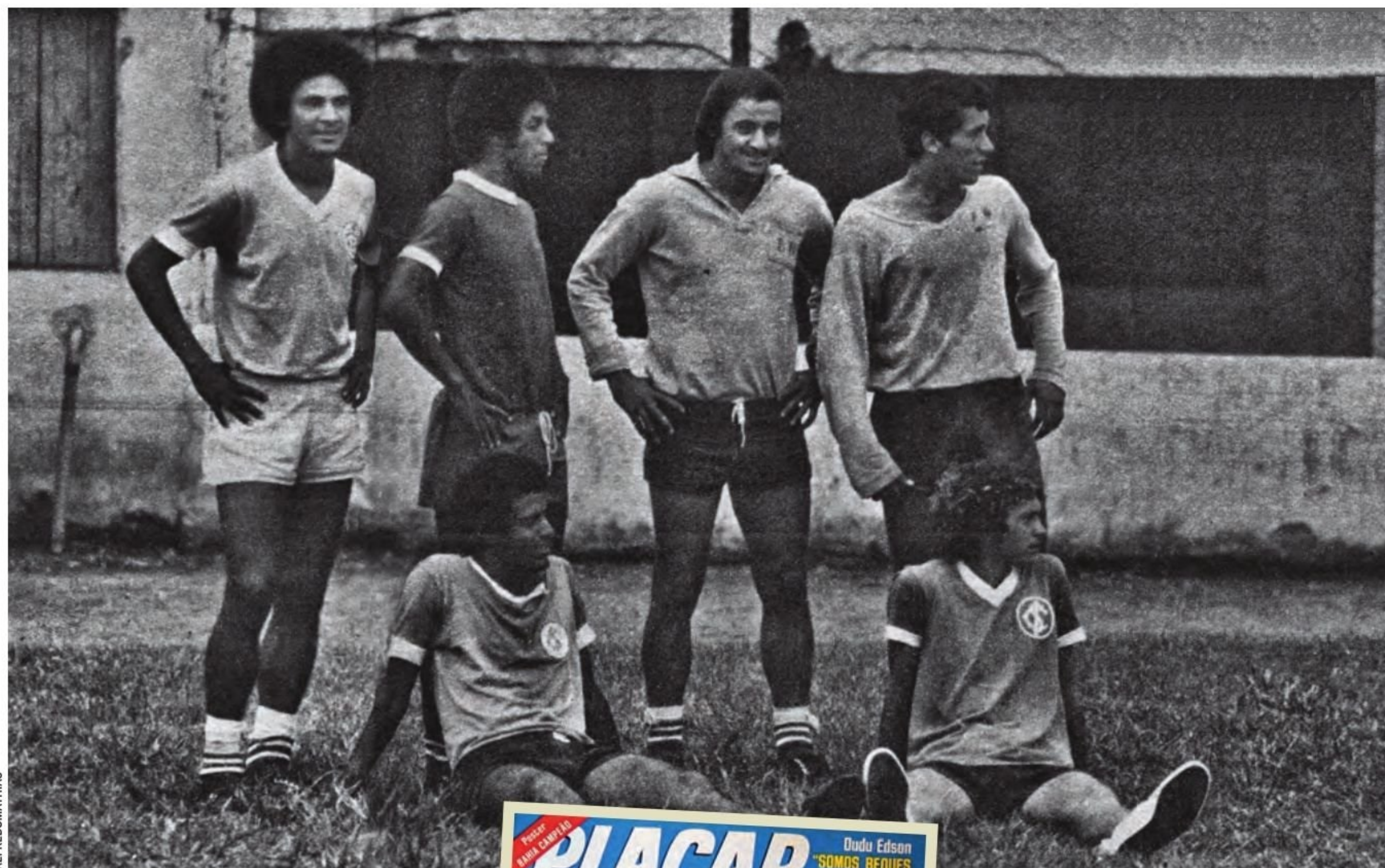
FOTO: ASSIS HOFFMANN

A previsão feita por Falcão não se confirmou. Apenas seis meses depois, ele estreou no Inter, num domingo de abril de 1973, pelo Campeonato Gaúcho. E o resultado não foi nada auspicioso. Falcão entrou em cam-

ASSIS HOFFMANN

À véspera dos Jogos Olímpicos de 1972, em Munique: não é difícil identificar os cachos loiros do menino de apenas 18 anos

po, no segundo tempo, quando o Esportivo de Bento Gonçalves já ganhava por 2 a 1. O jogo fez história como a primeira derrota do colorado no Beira-Rio (o estádio havia sido construído em 1969). Na semana seguinte, PLACAR publicou reportagem sobre o "bom problema" enfrentado pelo técnico Dino Sani. O centromédio Carbone, que tinha sido convocado por Zagallo para um amistoso da seleção, já não era mais considerado em Porto Alegre titular absoluto do time. "Falcão entrou em campo porque o público já começava a vaiar alguns passes errados de Carbone", informa o texto. Ao lado, uma foto com seis dos sete meios-campistas do Inter, no intervalo de um treino.

Falcão, como sempre, exibe sua tranquilidade. "Eu não queria subir ainda (para os profissionais). Tem gente demais na posição, mas o Dino insistiu, estamos aí." A reportagem destaca a "tradição" do Inter de formar centromédios. "A cada ano surge um dos juvenis: Bráulio, Tovar, Paulo César (mais tarde conhecido como Carpegiani), Djair, Vitor Hugo, Falcão." Há, no fim daquelas linhas, uma brincadeira com a situação, provocando o grande rival colorado no Sul. "Marco Eugênio, técnico dos juvenis, explica um dos motivos para o Inter revelar tantos jogadores na posição: 'Hoje todo guri bom de bola quer jogar no meio-campo. E aqui no Inter o porteiro está proibido de proibir a entrada de crianças. O garoto po-

ALFREDO MATHIAS

Em 1973, o "bom problema" de Dino Sani, do Inter: uma profusão de meios-campistas *(acima)*; o camisa 5 colorado apareceria na capa de PLACAR em setembro daquele ano. Em 1977, ganhou uma só para ele

de chegar a hora que quiser, com ou sem chuteira. No Grêmio parece que tem um pouco de minhoca. Então a gente pega mesmo os melhores'."

A primeira vez de Falcão na capa de PLACAR foi em 28 de setembro de 1973 — apenas cinco meses depois de sua estreia nos profissionais. Sob o título "Uma nova fera", ele ocupa metade da página (outras duas fotos completam a capa). A análise, lida hoje, vai na mosca. "Quando o Inter vendeu Carbone, Tovar pensou que havia ficado absoluto. Porém, um garoto tomou-lhe a camisa 5. O técnico Dino acha que Falcão reúne as qualidade de Carbone e Tovar: tanto defende quanto ataca e lança com precisão. E a torcida, encantada com o seu jogo virtuoso, já pensa até na seleção." A elegância em campo logo se traduziu em títulos: foi campeão gaúcho em 1973, 1974, 1975 e 1976 (quando o time fechou a série de oito títulos consecutivos iniciada em 1969) e bicampeão brasileiro em 1975 (quando ganhou a Bola de Ouro de PLACAR como o melhor jogador do torneio) e 1976.

Em 21 de janeiro de 1977, Falcão mereceu, pela primeira vez, uma capa inteira só para ele. O título era incontestável: "O titular de todo mundo". No texto, PLACAR reforçava o que era consenso entre a imprensa esportiva nacional. Na seleção, o time deveria ser ele e mais dez. "E o Falcão, seu Brandão?", perguntava o título da reportagem. "A história se repete. Em 1958,

RONALDO KOTSCHO

"Praticamente ninguém, nem mesmo o técnico Oswaldo Brandão *(à esq.)*, duvida que uma das camisas da seleção será dele." Não foi. Falcão não disputaria a Copa de 1978

Pelé, Garrincha e Zito viajaram para a Suécia como reservas. Em 1970, não havia vagas para Tostão e Rivellino. Em 1974, Leão e Paulo César Carpegiani estavam condenados ao banco. Agora, a um mês do início das eliminatórias para a Copa do Mundo de 1978, a mesma ameaça paira sobre Falcão, o melhor jogador brasileiro da última temporada." Segundo a revista, "praticamente ninguém, nem mesmo o técnico Oswaldo Brandão, duvida que uma das camisas da seleção será dele". A dúvida, na época, era em qual posição o craque colorado entraria. "O lugar de um talento raro como ele é pelo meio, mais à frente, com liberdade e espaços para se movimentar."

Numa época em que paulistas e cariocas "mandavam" na então CBD (a atual CBF) e eram raros os "forasteiros" convocados, PLACAR ajuda a entender a resistência do treinador e de parte da torcida e da imprensa. Apesar de publicar que Zico considerava Falcão "excelente" e que Leão o via como "um dos mais perfeitos e completos jogadores brasileiros, dono de muita personalidade, sempre tocando a bola pra frente e com objetividade", o texto explicita uma visão típica daqueles tempos. "Falcão, aos 23 anos, tem um prestígio nacional que faz com que seja muito mais do que um jogador gaúcho a serviço da seleção."

O resto é história.

O Brasil passou pelas eliminatórias, e Oswaldo Brandão foi substituído por Cláudio Coutinho, que não levou Falcão para o Mundial da Argentina, apesar de quase todos dizerem que ele deveria estar entre os titulares. Quatro anos mais tarde, o eterno camisa 5 do Inter encantou o mundo na Copa da Espanha (mesmo com a derrota para a Itália, o time que também tinha Júnior, Sócrates e Zico segue até hoje na memória de todo amante do futebol). Foi um craque consagrado no Brasil e na Europa.

Nascido Paulo Roberto Falcão na cidade catarinense de Abelardo Luz em 16 de outubro de 1953, jogou profissionalmente pelo Inter entre 1973 e 1980, pelo qual ganhou cinco títulos gaúchos e três brasileiros. Em 10 de agosto de 1980, na maior transação envolvendo um atleta brasileiro até então, a Roma pagou o equivalente a 1,5 milhão de dólares pelo passe do meia, que ajudou o time a conquistar o Campeonato Italiano na temporada 1982/1983 (feito que não acontecia desde 1942), o que lhe rendeu o "título" de Rei de Roma. Em 1985 e 1986, jogou pelo São Paulo (venceu o Paulista de 1985). Desde então, atuou como comentarista esportivo e técnico (já dirigiu as seleções do Brasil e do Japão). É um dos maiores ídolos da história do Internacional, sinônimo de elegância.

FOTOS MANOEL MOTA,SEBASTIÃO MARINHO

TROCA-TROCA NA PAZ

Nos anos 1970, os jogadores não tinham medo de fazer fotos vestidos com a camisa de outros times ou ao lado de craques adversários

Houve um tempo em que os maiores craques do futebol brasileiro construíam sua carreira atuando (quase) exclusivamente por um clube, mas não tinham receio de se expor a torcedores e companheiros de outros times. Mais do que isso, topavam até trocar de camisa, sem medo de patrulhas ou de perseguições por parte de torcedores e dirigentes.

Em 1972, PLACAR deu duas capas seguidas com fotos de grandes ídolos posando lado a lado com os adversários. Na edição de 3 de março, aparecem, numa arquibancada do Maracanã, nada menos que Jairzinho, o Furacão da Copa, atacante do Botafogo; Paulo Cezar, o Caju, ponta do Flamengo; Marco Antônio, lateral-esquerdo do Fluminense; Jorge

Rivellino, do Corinthians, então apenas Rivelino, com um "l" só, e Jairzinho, do Botafogo: os dois aceitaram, com um largo sorriso, e sem pestanejar, posar com uniformes das equipes adversárias de São Paulo e Rio

Garrincha foi quem deu a ideia de os craques do Rio trocarem de camisa. Para a revista, ele voltara "com dignidade; sem o gênio do passado, mas brincalhão e descontraído como sempre"

FERNANDO PIMENTEL

Mendonça, então despontando para o futebol pelo Bangu; Garrincha (sim, ele mesmo, o genial craque das pernas tortas), já no final da carreira no Olaria; e Edu, irmão de Zico e o maior destaque do America.

Nas páginas internas, a grande surpresa, explicada de forma singela na legenda de uma das fotos: "Garrincha obrigou os cobras que PLACAR havia reunido a trocar deem suas camisas. E ficou gozando Edu, que sumia dentro de qualquer uma, ou colocando à vontade o novato Jorge Mendonça". Logo abaixo, a imagem surpreendente: Marco Antônio com a camisa do Flamengo, Caju com a do Bangu, Jorge Mendonça com a do America, Jairzinho com a do Olaria, Garrincha com a do Fluminense e Edu com a do Botafogo. A revista ainda reforçou o espírito alegre da sessão de fotos ao escrever que "Mané Garrincha voltou com dignidade. Sem o gênio do passado, mas brincalhão e descontraído como sempre".

A INVENÇÃO DO JURISTA TRICOLOR

Jorge Ben Jor, então apenas Jorge Ben, cantou em 1978, em um de seus mais adoráveis sambas: ***"Troca-troca, troca-troca / Quero ver trocar / Se não troca, o homem troca / É melhor trocar / Fez voltar ao Rio de Janeiro / A época de ouro da capital do futebol".*** Era o relato, em forma de poesia e música, de um dos momentos mais interessantes da história do futebol carioca. Em 1975, o jurista Francisco Horta, presidente do Fluminense, montou a celebrada "Máquina Tricolor", comandada por Rivellino, Paulo Cezar Caju (ele mesmo, colunista de PLACAR), Mário Sérgio, Pintinho, Edinho. Era um timaço. Ao descobrir que não teria caixa para terminar de pagar o passe de Rivellino, contratado do Corinthians, Horta deu o pulo do gato e inventou o troca-troca que inspiraria Ben Jor. A ideia era reforçar os adversários e fazer o campeonato carioca mais disputado e, portanto, também mais atraente para patrocinadores e para a televisão. Os tricolores Mário Sérgio, Gil e Manfrini foram para o Botafogo. Abel, Marco Antônio e Zé Mario, para o Vasco. Zé Roberto, Toninho e Roberto, para o Flamengo. O Fluminense ficou com Renato, Miguel, Rodrigues Neto, Dirceu, Doval e Marinho Chagas. Foi um tempo de alegria. Funcionou, como comprovaria Jorge Ben Jor, e o tilintar de moedas: a média de público do estadual chegou a 100 000 pessoas no Maracanã, quando o maior do mundo era mesmo o maior do mundo. Numa única partida, Flamengo 3 x 1 Vasco, mais de 174 000 valentes se acotovelaram nas arquibancadas superiores, nas numeradas e na geral. "Troca-troca, quero ver trocar."

FERNANDO PIMENTEL

Francisco Horta com Rivellino, em 1975: sem dinheiro para terminar de pagar a contratação do camisa 10, o presidente do Fluminense inventou solução criativa

Apenas uma semana depois, na edição de 10 de março, cinco craques dos "grandes" de São Paulo foram levados ao estúdio: Forlán, lateral-direito uruguaio do São Paulo; Luís Pereira, zagueiro do Palmeiras; Marinho Peres, que seria seu parceiro de zaga na seleção na Copa de 1974, da Portuguesa; Clodoaldo, o centromédio tricampeão em 1970, do Santos; e Rivellino, o eterno camisa 10 do Corinthians. Nas páginas internas, eles não chegam a trocar de uniforme, mas aparecem posando, um a um, com faixas de Campeão Paulista de 1972 (o torneio estava apenas começando). Hoje, quem teria coragem para brincadeiras desse quilate?

Um mês depois, PLACAR fez uma pesquisa para saber quem eram os craques mais desejados pelas torcidas dos principais clubes cariocas e paulistas. E a brincadeira das camisas se repetiu. Rivellino era o "sonho de consumo" dos entrevistados de todos os times do Rio — e topou posar para as lentes de Manoel Motta com os mantos de Fluminense, Vasco, América, Botafogo e Flamengo, sempre com seu sorriso característico. Jairzinho, craque botafoguense, fez o mesmo diante da câmera de Sebastião Moreira e saiu nas páginas da revista vestido com as cores de Palmeiras, São Paulo, Portuguesa, Santos e Corinthians. Na capa, a imagem do Rivellino rubro-negro com a frase "O paulista que os cariocas querem" e do Jairzinho alvinegro com "O carioca que os paulistas querem". Era desprendimento quase ingênuo, hoje atropelado pelas pressões dos negócios e pelos cuidados — muitas vezes exagerados — que cercam milionários jogadores de futebol.

Em 1995, depois do 2 a 2 contra o Bragantino, os alvinegros exaustos: Ronaldo, André Santos, Zé Elias, Pinga, Vitor e Elivélton *(em pé);* Marques, Tupãzinho, Silvinho, Ezequiel, Fabinho e Marcelinho Carioca

ANTONIO RODRIGUES

SANGUE, SUOR E LÁGRIMAS

Em 1995, a redação de PLACAR apostou numa inovação — a foto posada clássica de um time, mas feita depois dos noventa minutos. Deu certo, apesar do vaivém de alguns acidentes de percurso

Da foto clássica de todo início de jogo, que vira pôster ou forro para as necessidades de bichos domésticos, nada mais há a dizer. Os jogadores se acomodam, geralmente os zagueiros em pé, atrás, e os atacantes agachados, à frente. Em 1995, no bojo de uma reformulação editorial colada ao slogan "Futebol, sexo e rock'n'roll", os editores de PLACAR imaginaram outra saída, criativa: a foto posada de um time, mas depois da partida. Como garantir, porém, que todos estivessem lá, com a camiseta suada e as meias sujas? Ainda mais em um tempo em que a imprensa começava a perder o livre acesso aos vestiários, como ocorria até os anos 1980. A dura negociação envolveu repórteres e fotógrafos para convencer dirigentes e atletas do Corinthians, durante o Campeonato Paulista daquele ano, a realizar o desafio.

Antes da vitória corintiana por 3 a 0 sobre o América de São José do Rio Preto, foi combinado que ninguém poderia trocar de camisa com os adversários depois do apito final. Um gigantesco pano branco fazia as vezes de estúdio improvisado, para a imagem especial. Mas uma falha técnica (no foco da câmera) fez com que os registros ficassem inutilizados — e todo o trabalho foi perdido. A equipe da revista não desanimou ante a nova "missão impossível" e, graças à amizade dos repórteres com alguns dos jogadores, pôde repetir a dose no confronto com o Bragantino, algumas semanas depois. Os onze jogadores deixaram o campo rapidamente, sem dar entrevistas, e se reuniram no vestiário do Pacaembu: alguns já sem as chuteiras, outros sem camisa, o cansaço depois de noventa minutos. O resultado, um incômodo empate por 2 a 2, tornou a foto ainda mais interessante e dramática que a primeira, com caras fechadas, a decepção estampada no rosto, mesmo que alguns tenham tentado demonstrar alegria.

COISA DE BICHO-PAPÃO

Em 24 de abril de 2003, o cearense Iarley fez história na Bombonera ao marcar o gol da vitória do Paysandu de Belém do Pará contra o Boca, pela Libertadores

Syanne Neno

Quem se lembra do Bicho-Papão? O personagem do folclore brasileiro era o terror das crianças de antigamente. Pirralho arteiro e respondão era presa certa do bicho. Em abril de 2003, um surpreendente time de Belém do Pará, a única equipe do Norte do Brasil a disputar uma Libertadores da América, chegou mansinho à mítica La Bombonera, em Buenos Aires, para o primeiro jogo das oitavas de final da competição.

O visitante abusado era o Paysandu Sport Club. Ou melhor: o Bicho "Papão da Curuzu". Na véspera da partida, os jogadores do Paysandu visitaram as dependências do estádio do Boca como quem reverencia os deuses do futebol. Eles pareciam não acreditar que estavam ali. Mas o Bicho-Papão da Amazônia foi lá e, mesmo com nove jogadores (Robgol e Vanderson foram expulsos), venceu o Boca Juniors por 1 a 0. Aos 23 minutos do segundo tempo, com a tranquilidade de quem disputa um jogo do Parazão, o Papão chegou à rede do adversário. O gol da vitória do "Sobrenatural da Bombonera" começou a ser desenhado pelo zagueiro Jorginho. O irmão de Júnior Baiano, com categoria, aliviou o perigo e iniciou o quase tique-taque amazônico. Sandro carregou pelo meio e tocou para Iarley, na área, pela esquerda. O atacante cortou, tirando dois zagueiros da jogada e bateu rasteiro no canto direito do goleiro. "Pato" Abbondanzieri no tucupi. Valeime Nossa Senhora de Nazaré!

O desconhecido Paysandu de Belém do Pará ganhava, enfim, as manchetes internacionais. Nove anos antes daquele 2003, o adjetivo "desconhecido" havia sido desastrosamente usado por mim enquanto iniciava minha carreira de repórter esportiva na afiliada da Globo em Belém. Com 22 anos, a menina esmirradinha e insegura era uma das pioneiras femininas do jornalismo esportivo do estado. Eu só queria escrever sobre futebol. Mas a falta de experiência fez com que durante uma das minhas primeiras entrevistas, com um jogador contratado pelo Paysandu de um time internacional, eu soltasse a pérola diante da torcida no alambrado: "Como está sendo chegar a um clube desconhecido do Norte do Brasil?".

Desconhecido? Em 2002, durante a disputa do que seria a última Copa dos Campeões, o Paysandu começou a chamar atenção do Brasil. Como repórter da afiliada global, fui a porta-voz de uma torcida embriagada de felicidade, que lotava o Mangueirão, e de um time que punha quem viesse pela frente na roda do carimbó paraense. Como torcedora apaixonada do Paysandu e como profissional, eu vivia um sonho. O dia da grande final contra o Cruzeiro, que seria disputada em Fortaleza, estava perto. A cinco dias do jogo meu chefe me deu a notícia, esperada desde a minha última encarnação: "Arrume suas malas, você vai fazer a cobertura do jogo em Fortaleza".

Em estado catatônico, fui para casa processando a missão. Em quase dez anos de profissão, aquela seria minha primeira viagem a trabalho para fora do estado, e logo para cobrir o jogo mais importante do século para o futebol do Norte do país. Na manhã seguinte, contudo, acordei sem voz, quase que completamente afônica. Fui ao otorrino, fiz todos os exames possíveis e veio o diagnóstico, inapelável: causa emocional. Se eu não recuperasse a voz até o dia seguinte, o sonho teria de ser cancelado, e outra repórter, que estava na casa fazia menos de um ano, iria no meu lugar. Veio o dia seguinte e a pressão psicológica só me fez piorar. Adeus, Fortaleza! Adeus, cobertura dos meus sonhos. Segue o jogo, como deve seguir a vida.

Mas fiquemos com o gol eterno de Iarley. Nem o jogo da volta, em Belém, quando o Paysandu caiu por 4 a 2, diante de quase 60 000 torcedores, ofuscou aquele 24 de abril de 2003. Os ônibus estavam em greve em Belém. A eliminação da Libertadores foi uma queda vertiginosa das nuvens. Depois do jogo, muitos torcedores voltaram do Mangueirão a pé, como em um cortejo. Mas todos tinham a exata noção de que alguma coisa estava fora da ordem no futebol mundial. O planeta bola se curvava ao Bicho-Papão da Amazônia. Mais do que uma lenda, uma história.

Aponte a câmera do
celular para o QR Code e
conheça as ilustrações
da Eterno Futebol
NUIN
NuiN
@eterno.futebol

A ORQUESTRA VERDE

O espetáculo do Palmeiras de 1996, conduzido por Luxemburgo e regido por Rivaldo e Djalminha

O Campeonato Paulista de 1996 foi de um time só: o Palmeiras. Em trinta jogos, foram 27 vitórias, dois empates e uma única derrota. Gols: 102, mais de três por partida. Era avassalador. A equipe de Vanderlei Luxemburgo, amparada pelos investimentos milionários da parceria com a Parmalat, era regida pelos talentosos Djalminha e Rivaldo, com extraordinários solistas, como Marcos, Cafu e Luizão. Aquele escrete venceu cinco dos seis grandes clássicos do Paulista — superou o São Paulo de Zetti e Denilson, treinado por Muricy Ramalho; o Santos de Narciso e Giovanni; e o Corinthians de Ronaldo, Zé Elias, Marcelinho Carioca e Edmundo (este o único time que conseguiu empatar um jogo).

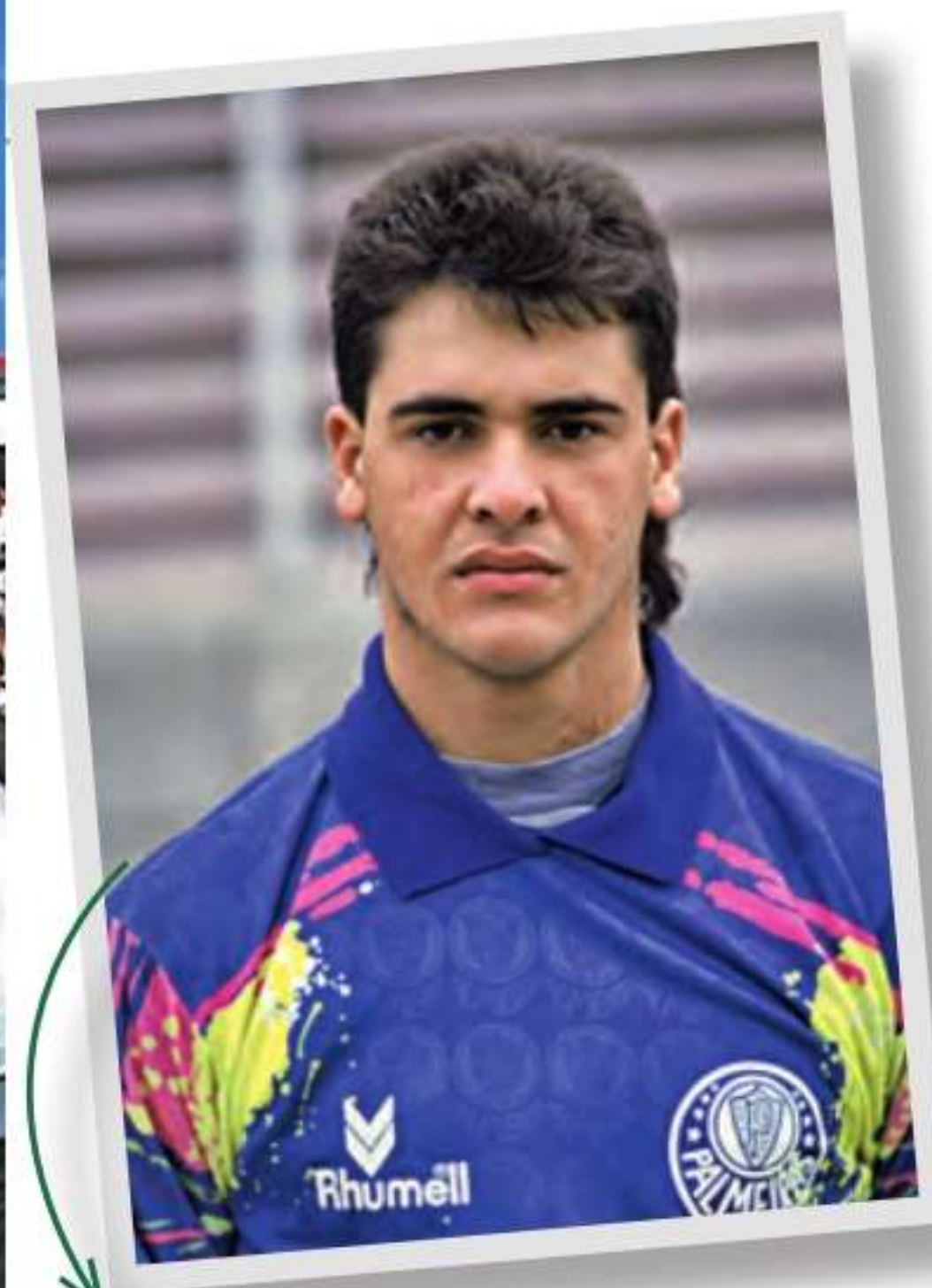
Não havia quem não se entusiasmasse com a categoria dos passes, as arrancadas de Cafu como uma flecha em direção à área adversária ou o domínio de bola e calma de Amaral ou Flávio Conceição. Sem falar, obviamente, do fino trato da bola nas canhotas de Djalminha e Rivaldo. Um luxo. Nas finalizações, havia a sede de Muller e o faro de gol de artilheiro nato de Luizão.

O bordão esmeraldino informava: "Não importava com quem seria o jogo, mas quanto seria o placar...". As goleadas proliferaram: na estreia do Paulista, 6 x 1 sobre a Ferroviária; depois, 7 x 1 no Novorizontino; 8 x 0 no Botafogo; 6 x 0 no América; 6 x 0 no Santos; 5 x 1 na Ferroviária; 5 x 0 no União São João; 5 x 1 no Juventus. Houve ainda um 6 x 1 no Borussia Dortmund, pelo Torneio Euro-América, e em dois jogos pela Copa do Brasil fez 8 x 0 no Sergipe e 5 x 0 no Atlético-MG.

Mas como tudo que é doce um dia acaba, no final do Paulista deu-se o desmonte, e a engrenagem trincou. Muller seguiu para o São Paulo. Rivaldo assinou contrato com o La Coruña. Os gols pararam de sair, as derrotas vieram, e o sonho acabou. Mas foi bonito.

Silvio Nascimento

FOTOS ALEXANDRE BATTIBUGLI

GOL 100
O centésimo gol do Palmeiras no Paulistão saiu na partida contra o Santos, no Parque Antártica, aos 6 minutos do primeiro tempo: Junior roubou a bola no meio-campo, tocou para Djalminha, que mandou para Muller, que rapidamente passou na esquerda para Rivaldo invadir a área e bater. O goleiro Edinho (filho de Pelé, expulso no segundo tempo por reclamação) saiu do gol e rebateu, mas a bola chegou ao pé esquerdo de Luizão.

SÃO MARCOS

O primeiro jogo em que o campeão mundial de 2002, o goleiro Marcos, defendeu o Palmeiras em um torneio oficial foi em 30 de março de 1996, ao entrar nos minutos finais no lugar de Velloso, na partida Palmeiras 4 x 0 XV de Jaú. Seu primeiro jogo como titular foi em 19 de maio de 1996, contra o Botafogo de Ribeirão Preto, no Palestra Itália, em que defendeu um pênalti e o Palmeiras venceu por 4 x 0.

Uma das formações do time campeão paulista de 1996. Em pé, da esq. para a dir.: Velloso, Junior, Sandro, Rivaldo, Cafu, Flávio Conceição e Cléber; agachados, da esq. para a dir.: Luizão, Amaral, Muller e Elivélton.

AZEDOU

A empresa de laticínios de origem italiana, sinônimo de leite longa-vida, foi parceira do Palmeiras de 1992 a 2000. Logo depois do fim do acordo, a Parmalat esteve envolvida em escândalos financeiros na Europa e o problema chegou à filial brasileira. Executivos do Brasil foram condenados por crime contra o sistema financeiro, com suspeita de negociar jogadores com valores alterados para se livrar de impostos. O ex-presidente da Parmalat do Brasil Gianni Grisendi, sentenciado por expedientes ilícitos na gestão do grupo, pagou multa e prestou serviços à comunidade. O Palmeiras não foi citado na decisão.

VERDE QUE TE QUERO VERDE

No Palmeiras, Vanderlei Luxemburgo foi quatro vezes campeão paulista e duas brasileiro. Treinou a equipe em 1993 e 1994, teve rápidas passagens por Flamengo e Paraná, e foi chamado no fim de 1995 para conduzir o time dos sonhos de 1996. Ainda comandou a equipe em 2002, 2008 e 2009, e está em sua quinta passagem pelo Palmeiras.

PIER GIAVELLI/BESTPHOTOAGENCY

A dupla: tudo para que a ordem dos fatores não alterasse o produto dentro de campo

QUESTÃO DE ARITMÉTICA

Parceiro de Ronaldo na Inter de Milão, o chileno Iván Zamorano recorreu a um sinal de "mais" para não abandonar a camisa 9

Luiz Felipe Castro

Ronaldo Luís Nazário de Lima é apontado com frequência como o maior camisa 9 de todos os tempos. Sabe-se de um outro atacante que até concorda com a tese, mas que já bateu de frente com o Fenômeno ao ter o brasileiro como companheiro de time. E, quando foi instado a ceder, buscou uma solução "matemática", que acabaria se tornando um memorável golaço de marketing. Tudo começou no verão europeu de 1997, quando Ronaldo, o então melhor jogador do mundo, trocou o Barcelona pela Inter de Milão. Apresentado com enorme pompa na cidade italiana, o brasileiro topou usar a camisa dos craques — a 10 —, já que a 9 pertencia ao chileno Iván Zamorano.

A situação, porém, mudou um ano mais tarde. Em 1998, o clube *nerazzurro* estreou sua parceria com a Nike, a mesma marca que sempre acompanhou Ronaldo — e que na época já tinha uma linha de produtos, a R9, com o número de sua grande estrela. Somou-se a isso o fato de o Fenômeno ter retornado das férias ainda abalado pela derrota na final da Copa do Mundo da França (aquela da convulsão). A Inter, então, sentiu que precisava mimar seu *Bambino d'Oro* e imaginou que lhe dando a camisa 9 tiraria o craque da fossa.

Coube ao ex-jogador italiano Sandro Mazzola, diretor esportivo e um dos maiores ídolos da história do clube, transmitir a mensagem ao temperamental "Bambam" Zamorano. "Mazzola me disse: 'O que fazemos com o monstro? Ele está na m... Temos de animá-lo. O que acha de darmos a ele a 9?' ", recordou o goleador em uma emissora de TV chilena. "Perfeito, então pedi para ficar com a 99. Não podia. Aí quis juntar dois números que, somados, dessem 9. Pensei no 27 e no 18. Mazzola me disse: 'Por que não põe um sinal de positivo, de soma?'. Ele mesmo ligou para o presidente Massimo Moratti para pedir autorização junto à federação." Nascia um clássico instantâneo. O item virou peça do museu do Estádio San Siro, e até hoje há quem customize suas camisas com o 1+8 de Zamorano. Em campo, porém, o resultado foi mal: a Inter terminou a temporada da Série A na oitava posição. Ronaldo passou a maior parte do tempo machucado. "Houve muita confusão no vestiário, o time não jogava bem e um grupo colocava a culpa no outro", conta o ex-jogador Zé Elias. O artilheiro do campeonato foi outro brasileiro, Amoroso, da Udinese, com 22 gols, oito a mais que o Fenômeno. Zamorano, com a 1+8, fez, adivinhe — nove gols.

ACERVO/JORNAL DO BRASIL

A lápide do camisa 7 do Botafogo, em Pau Grande: mistério

E ONDE ESTÁ A ALEGRIA?

Nem a polícia sabe explicar o sumiço dos restos mortais de Mané Garrincha

Por muitos anos, Manuel Francisco dos Santos, o Mané Garrincha, trouxe alegria ao povo brasileiro a cada vez que punha os pés, ou melhor, as indefectíveis pernas tortas em campo. Se os dribles imprevisíveis foram fundamentais no bicampeonato mundial do Brasil, em 1958 e 1962, o ponta-direita do Botafogo teve trajetória igualmente errática longe dos gramados. Garrincha perdeu a luta contra o alcoolismo. Morreu de cirrose hepática, em 1983, aos 49 anos.

Mané foi velado sob a guarda de centenas de pessoas que foram ao Maracanã para dar adeus ao craque. Seu caixão foi coberto com uma bandeira alvinegra do clube da estrela solitária, pelo qual disputou treze temporadas e conquistou três títulos cariocas, além de dois torneios Rio-São Paulo. Sua passagem marcante no Botafogo começou, inclusive, quando deu uma caneta em Nilton Santos, a “Enciclopédia”, durante um treino. No intervalo da sessão, o próprio Nilton, grande ídolo do time, pediu sua contratação, após Mané ser rejeitado por Vasco e São Cristóvão, devido ao andar desleixado e desvio na coluna.

A morte precoce de Garrincha causou comoção nacional e atraiu vários visitantes ao Cemitério Municipal de Raiz da Serra, localizado no bairro de Pau Grande, no município de Magé, na Baixada Fluminense, terra natal do camisa 7. “Aqui descansa em paz aquele que foi a alegria do povo”, diz a mensagem inscrita na lápide, uma das poucas ainda legíveis nos dois túmulos dedicados a ele. Sim, dois túmulos, um simples, de cimento, onde Garrincha foi enterrado, e o outro maior, com um obelisco, feito pela prefeitura em 1985.

A construção do mausoléu em homenagem a Garrincha trouxe, na verdade, uma grande dor de cabeça a seus familiares. Afinal, descobriu-se que não se sabe onde estão seus restos mortais. O corpo do “Anjo de Pernas Tortas” foi exumado há anos e o cemitério não registrou nem a data nem o local para onde teria sido transferida sua ossada. Em 2007, a família percebeu, ao mandar enterrar outro parente no túmulo, que Garrincha não estava ali. O mistério virou caso de polícia e, em 2018, concluiu-se que o corpo do craque foi realmente exumado. O prefeito da cidade, Rafael Tubarão, prometeu abrir as duas sepulturas para a realização de testes de DNA, de modo a resolver o mistério, mas até o momento nada aconteceu. A incógnita segue.

Danilo Monteiro

LOVE, LOVE, LOVE

Cadão Volpato

Os trechos abaixo fazem parte do livro *Que Coisa Estranha pra Acontecer com uma Criança — Pelé e o Cosmos, Nova York e um Disco Perdido* (Numa Editora), ainda inédito.

O beijo do Rei e de Muhammad Ali, em 1º de outubro de 1977: imagem que ganhou o colorido das ruas, com humor

AP

Muhammad Ali no banco de reservas, ao lado de Dondinho. Depois, no fim do jogo, o beijo debaixo da chuva. Última partida, grama sintética, camisa verde, Love Love Love ao microfone para 75 000 pessoas repetirem. Seus discursos sempre iam por aí, seja no estádio dos Giants, na despedida, ou no Maracanã do milésimo gol.

Entre lágrimas, ele vê Ali chorando.

O milésimo gol em preto e branco, quando seu uniforme era ainda mais branco e sua cor ainda mais negra (Maracanã, 19 de novembro de 1969, às 23 horas e 23 minutos). Ele disse para não esquecermos das criancinhas, enquanto escondia a bola debaixo da camisa como se estivesse esperando um bebê.

Pelé, minha primeira palavra, e foi assim que o mundo se abriu em preto e branco.

Com Zito andando por uma rua colorida de Estocolmo em 1958, o choro no ombro de Gilmar, e Gilmar, na minha hierarquia, maior que Yáshin, o Aranha Negra, maior que Gordon Banks, que pegaria aquela cabeçada histórica na Copa de 70, e maior que Félix, o Papel, o goleiro que encaixara uma cabeçada à queima-roupa só alguns minutos antes da defesa de Banks, e quem é que se lembra? Ele sem luvas em todos os jogos, a não ser na final, contra a Itália, e os companheiros loucos com aquela temeridade de mexer com a sorte.

Em abril de 1966, na capa do primeiro número da *Realidade,* ele aparece usando um capacete peludo de guarda da rainha. E sorri embaixo da manchete:

"Foi assim que ganhamos o Tri". Em julho, sairia mancando da partida contra Portugal, com uma capa de chuva nas costas, quebrado pelos três zagueiros.

Em 1974, as pessoas o xingavam na rua porque ele não tinha jogado na Copa e o Brasil perdera da Holanda com um voleio de Cruyff. E então, no ano seguinte, ele foi para Nova York. Para o New York Cosmos.

Ele também jogava no gol caso fosse necessário. Era capaz de qualquer coisa. Invadia a área e acertava o ninho da coruja, o lugar tranquilo no ângulo que tremia ao balançar das redes, o que Ele faria mais de 1 000 vezes, sendo Ele a forma como Walter Abrahão o tratava quando Ele pegava na bola. Pois se Ele estivesse em campo, mesmo num dia ruim, as pessoas enxergariam a sua coroa invisível de ouro, diamantes e rubis de qualquer ponto do estádio.

Ao visitar o contador no final de 1974, descobriu que estava quebrado, como em 1970. Nós temos um time incrível que estamos montando em Nova York, disse o misterioso homem do dinheiro. Brasil, vamos vê-lo pela última vez, disse Walter Abrahão.

Em Nova York ele era visto na rua com Robert Redford, abraçado por Sylvester Stallone, posando para as polaroides de Andy Warhol, andando na Quinta Avenida com um casaco de peles.

Dizem que foi um rei africano.

***

Para o Natal de 2018, meu filho de 8 anos pede uma camisa do Santos com o número 10 nas costas mais a palavra Pelé em caracteres dourados. Ele é Pepe para a enfermeira da escola americana, Pepe como o companheiro de Pelé no Santos, e Pedro, como o Martinelli, um nome imposto pelo irmão mais velho.

Na Bombonera, jogam-lhe areia nos olhos dentro da pequena área e nem assim conseguem pará-lo.

Na *Família Trapo*, Bronco não o reconhece e o trata como mortal, até descobrir a verdade e cair duro.

Dormindo, com uma toalha na cabeça, está imaginando o que fazer, está estudando o adversário. Vamos vencer.

***

Ele estreia em 15 de junho de 1975, na "Terra Devastada do futebol", como disse a imprensa americana citando o título do poema de T.S. Eliot. Não jogava havia oito meses, ganharia 2,8 milhões de dólares por três anos de contrato, o atleta mais bem pago do mundo em sua época, também o atleta do século. Segundo Andy Warhol, sua fama haveria de durar quinze séculos, embora ele tenha perdido tudo o que possuía duas vezes, no mínimo.

***

Negro e estrangeiro, incrível que tenha ficado em pé, mais do que em pé, um rei de Nova York, a cidade em pé, como a chamou Louis-Ferdinand Céline.

Onde, em 1906, Ota Benga, o pigmeu do Congo, fora exibido como um bicho no zoológico do Bronx.

Ele tocava violão e cantava mal pra burro, mas quem se importava? Foi ator de novela. Apareceu de bigode no cinema, em *Pedro Mico,* e como um jogador dominicano num campo de prisioneiros em *Fuga para a Vitória,* de John Huston, no qual fez um gol de bicicleta em câmera lenta.

Ele parou de jogar há mais de quarenta anos. Tudo ficou como estava, porque tudo já estava lá.

Cadão Volpato *é jornalista e vive em Nova York desde 2019*

EU TENHO UM SONHO LOUCO PARA TERMINAR COM ESSE DRAMA TODO

Que tal convocarmos o Sobrenatural de Almeida, do Nelson Rodrigues, ou enviarmos o homem da mala para acabar com esse vírus danado? Se nada der certo, nada mesmo, convocamos Paulo Amaral, Yustrich e Mário Vianna

Estou tentando, na medida do possível, não acompanhar o noticiário, porque até o coronavírus virou uma briga política. São tantas notícias, algumas mentirosas, outras exageradas, que prefiro esperar, quieto, essa onda passar, afinal faço parte do grupo de risco. Para fugir do tédio, tenho lido muito. Neste momento, me divido entre *Didi, o Gênio da Folha Seca*, de Péris Ribeiro, e *Béla Guttmann, de Sobrevivente do Holocausto a Glória do Benfica*, de David Bolchover. Eu, que sempre bato nos “professores”, me encantei pela história de vida de Béla, mesmo ele tendo sido responsável por essa onda de treinador virar superstar. A história é espetacular. Ele sobreviveu ao terror da guerra escondido no sótão de um salão de cabeleireiro, próximo a Budapeste. Os pais morreram em um campo de concentração. Inimaginável pensar que algum tempo depois, em 1959, conquistaria um campeonato nacional pelo Porto e, em seguida, seria bicampeão europeu pelo Benfica. Pediu aumento, mas, como negaram, saiu do clube e rogou uma praga: o Benfica jamais repetiria esse feito. Que boquinha, hein!!!

Ainda não terminei o livro porque a história de Didi também me encanta. Outro dia, compartilhei um zap com imagens magníficas do criador da Folha Seca e da Máquina Tricolor. O Pelé foi o Rei, mas nenhum outro jogador da história do futebol carrega a essência poética de Didi. Ele representa a beleza, a plasticidade e a arte de que aprendemos a gostar. Não por acaso foi eleito o melhor jogador da Copa de 1958 e virou referência para o próprio Pelé. Os personagens do futebol são múltiplos, encantadores e suas histórias me ajudam a esquecer tudo o que tem acontecido de ruim no planeta. O Brasil é o único país do mundo com essa diversidade de perfis.

> **Os encantadores personagens do futebol brasileiro me ajudam a esquecer tudo o que tem acontecido de ruim**

Dadá e Túlio, os Maravilhas, nunca foram craques, mas encantavam a torcida com seus gols. Tivemos também os brigões Almir Pernambuquinho e Beijoca; os galãs, como Heleno; os folclóricos Merica e Peu; os que viraram música, como Fio Maravilha; os injustiçados, como o goleiro Barbosa; e os que tiveram fim trágico, como Mendonça e Perivaldo. Meu mundo é esse. A bola já me fez rir e chorar, virar anjo e demônio. Já fui da noite, mas hoje gosto de ficar em casa. Não forçado, como o vírus está nos impondo. Será que Pai Santana, lá de cima, não nos abençoa com alguma mandinga que jogue para escanteio o coronavírus?

Ore por nós, Baltazar, o artilheiro de Deus. Por onde anda Tita, o mórmon? E a turma dos evangélicos? Será que não vale enviarmos o homem da mala para trocar uma ideia com esse vírus, tentar convencê-lo a nos deixar em paz? Ou pedir ajuda ao Sobrenatural de Almeida, personagem do saudoso dramaturgo e cronista Nelson Rodrigues, capaz de missões impossíveis, para resolver essa parada? Se nada der certo, convocamos Paulo Amaral, Mário Vianna e Yustrich e expulsamos esse treco na base do sopapo. É madrugada e acordo desse sonho louco, mas rio ao imaginar Paulo Amaral socando o coronavírus, da mesma forma que fez com um torcedor da geral que o chamou de careca seguidas vezes. Ah, o futebol...